ILUSTRAÇÃO

N.º 272 — 12.º ano

ENCANTOS PRIMAVERIS

16-ABRIL-1937

PREÇO - 5 escudos

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de aparecer

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO

DR. EDUARDO COELHO
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25$00**
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$30**

Á venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Os cuidados necessários para que a beleza se mantenha, são delicados e requerem uma escolha judiciosa de produtos, destinados a conservar a frescura e o encanto da juventude.

Os produtos de **M.me Campos, Rainha da Hungria, Yildizienne, Rosipôr, Oly, Rodal, Mystik,** etc., são excelentes preparados que conforme a natureza da epiderme, assim devem ser usados. Para cada caso especial da sua pele ou correcção de formas. Consulte-nos e peça catálogos.

ESTABELECIMENTO CIENTIFICO DE CULTURA ESTETICA
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
Av. da Liberdade, 35 LISBOA Telef. 2 1866

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... **15$00**
Pelo correio, à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:
O capote do Snr. «Mariquinhas»—Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12$00** enc. . . **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Experimente êste

BANHO MÁGICO DE BELEZA

Obterá uma pele Nova, Fresca e Branca

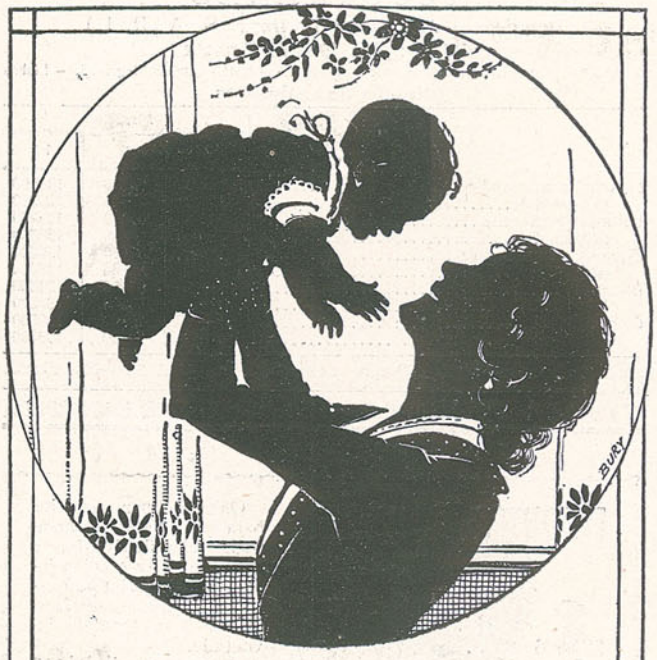
Deite-se às 11 horas — Levante-se às 7 — Ah! que maravilhosa transformação! Numa única noite — esta surpreendente Cire Aseptine, Banho Mágico de Beleza, transforma uma pele áspera, escura e sêca numa outra macia, clara e dum branco natural. Enquanto a substância untuosa e branca se introduz suavemente na sua pele, a camada rugosa exterior é amolecida e separa-se em finas partículas, durante o sôno. De manhã, estas rugosas e feias escamas da pele destacam-se por simples lavagem. Os pontos negros desaparecem — as imperfeições do rosto apagam-se. Aos seus olhos revela-se a beleza da nova pele clara, viçosa e dum branco natural, que se encontrava escondida. Aplique, também, a Cire Aseptine no pescoço, ombros, braços e mãos. Doutro modo, o contraste com a nova, fresca e branca carnação do rosto, seria muito notado.

Encontra-se à venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo.

Não encontrando, escreva ao

Depósito Aseptine
88, Rua da Assunção — LISBOA

que atende na volta do correio.



Os bébés amamentados são os mais felizes e saudaveis

Todas as mãis que amamentam deviam tomar

'OVOMALTINE'

porque teriam a certeza de poder amamentar o seu filhinho

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. — BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º — LISBOA

VIAGENS

À VENDA

Categoria Literária das Cidades

POR LUIZ TEIXEIRA

A arqueologia e o pitoresco das cidades — Como viajam os franceses — Como viajam os americanos — Como viajam os portugueses — Paris — Londres — Atenas — Berlim — Hamburgo — St. Pauli — Hamburgo — Alemanha, país da cerveja — Gibraltar — Ilha de Malta — Nápoles — Veneza — A Sicília — Palermo — Redipuglia e Corfu — A Tripolitania — A Africa e a aventura — Regresso: Algarve em flor — Conselhos e confidências a quem parte: Viajar — A «toilette» — O amor — Itenerários no Adriatico

1 vol. de 242 págs., broch. . . . . **10$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10$00
Eurico, o presbítero, (Romance). — 388 páginas, brochado.....	10$00
O monge de Cister, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado	20$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado.....	96$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado	10$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30$00
Composições várias — 374 páginas, brochado.....	10$00
Poesias — 224 páginas, brochado.....	10$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado.....	20$00

Opúsculos:

Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
» II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
» III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
» IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
» V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
» VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
» VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
» VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
» IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
» X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado..... 10$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12$00

Com encadernação em percalina, mais 5$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR **P. B.**

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Este volume completa a obra Camões Lírico, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. ..... 12$00

Pelo correio à cobrança..... 14$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a GÔTA, a SCIÁTICA os REUMATISMOS Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem arritica

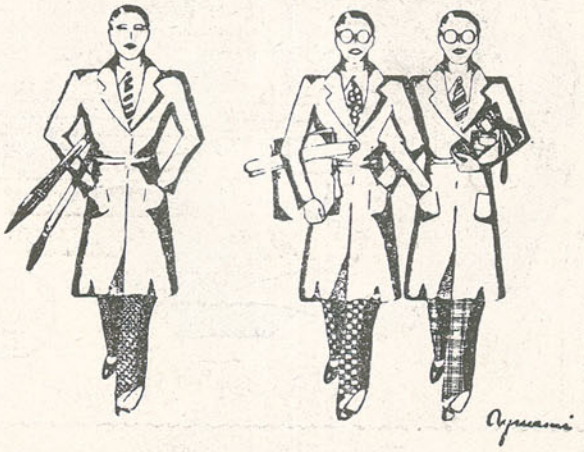
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 21368

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin

(CHARLOT)

Interessantíssimo livro do popular

ÀS DO CINEMA

1 volume de 250 páginas, brochado **8$00**

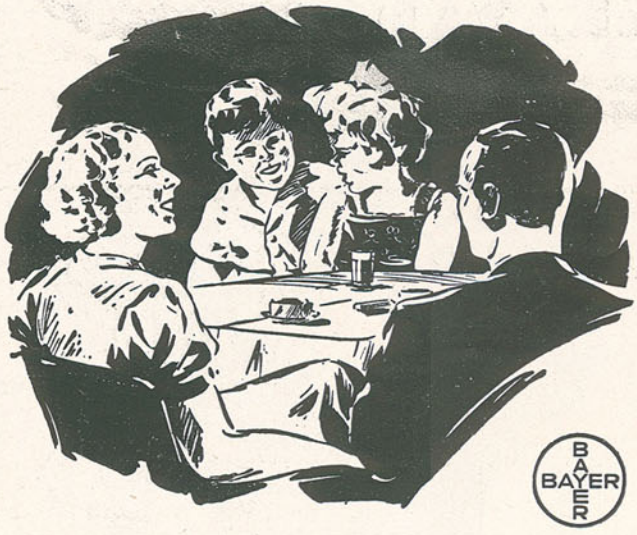
À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA



Horas sem sofrer:..
Horas felizes

A inexgotavel fonte da felicidade do lar é a franca alegria de viver. Esta precisa portanto ser conservada acima de tudo, banindo a dôr da da vossa vida, o que é facilimo se tomardes imediatamente

Cafiaspirina

assim que surgirem dôres de cabeça ou de dentes.

BAYER

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Acaba de aparecer a 9.ª edição

D. PEDRO E D. INÊS

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. **12$00**; pelo correio à cobrança, Esc. **14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 7.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **13$50**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 272 — 12.º ANO 16-ABRIL-1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

9 DE ABRIL

Mais uma vez a Alma da Raça evocou a Grande Guerra, entre cujos horrores os bravos soldados portugueses souberam cumprir o seu dever como a dignos descendentes dos herois de Ourique, Aljubarrota e Buçaco competia.

Em frente dos grandes exércitos, o punhado de portugueses enviados a defender a Pátria e a pugnar pela Civilização, mostraram a mesma bravura, a mesma galhardia, a mesma coragem que, há mais de um século, mereceram os calorosos elogios do exigente Napoleão, seu inimigo.

País pequeno, é certo, que mal custa a descortinar na vastidão confusa do mapa-mundo, chegando, por vezes, a ser considerado pela ignorância ou pela má fé uma província espanhola, ou coisa que o valha.

No entanto, percorram o mapa-mundo em todas as direcções que em todos os pontos, ainda os mais afastados e inhóspitos, encontrarão o rasto dos portugueses de todas as épocas.

Tendo consolidado a sua soberania no recanto ocidental europeu a que tinha direito, Portugal atravessou os mares á descoberta de novos mundos, erguendo padrões imorredoiros na África, na Ásia, na América e na Oceania.

Foi ainda como paladino da Civilização que entrou na Grande Guerra, entre cujos horrores soube mostrar a grandeza do seu patriotismo e a tenacidade da sua bravura de tão gloriosas tradições.

O 9 de Abril é, portanto, uma data memorável para todos os portugueses dignos dos seus maiores.

Dr. Samuel Maia

ENSAIOS

A OBRA LITERÁRIA

e o instinto vital que

O novo livro do dr. Manuel Anselmo — um jóvem de vinte e cinco esperançosas primaveras — vem patentear-nos, não só um aturado estudo, mas uma audácia impressionante.

Antologia Moderna *se intitula, e promete ser a continuação da actividade de ensaísta de compreensão literária do seu autor. A audácia que apontamos a Manuel Anselmo reflecte-se nitidamente nas* reflexões prévias *que abrem o livro e revelam em certa altura.*

"...Quero crêr, de resto, que em mim existe, para além da minha teimosia de analista do fenómeno social e do fenómeno literário, uma verdadeira natureza de artista, graças à qual eu possúo olhos que vêem novidades no que os outros só vêem redundância, e sinto em mim ideal suficiente para considerar sangue do meu sangue, a vida, nem sempre efémera, das firmes construções intelectuais.

"Reconheço, porém, melancolicamente, que o tempo não corre para quem se devota a um exclusivo sacerdócio intelectual. A hora de hoje é de aventuras, de inconstâncias, de improvisações. Nem por isso, eu fugirei jàmais àquilo que reconheço como minha vocação: o desinteressado desenvolvimento duma teoria crítica e doutrinária, sem atentar, de nenhuma forma, nas arruaças da rua ou na gritaria dos falhados.

"O meu caso intelectual, pelos comentários nem todos injustos que provocou, habituou-me a considerar o mundo como uma cisterna onde quem tem sêde de ambição vai dessedentar-se a seu prazer. Eu nenhuma sêde tenho — que não seja aquela, legítima, honesta e humana, de deixar aos vindoiros, através da minha obra, um desinteressado depoimento de imparcialidade e de nobreza mental. Por isso, os meus inegáveis êxitos — inegáveis e insperados nesta terra de senhoras vizinhas e de analfabetos, — os acôlho tão indiferentemente como acôlho os insultos, as injustiças e as calúnias.

"Faço um breve exame de consciência e reconheço que, aos 25 anos de idade, possúo uma autonomia espiritual, no que já represento um exemplo. A gentileza de muitos quere reconhecer em mim um apreciável ensaísta doutrinário, espécie de avis rara *em capoeira de escritorelhos petulantes, e um honesto crítico literário, em quem os artistas confiam. Outros há que, por razões de discordância ou outras mais secretas, negam o valor da minha cultura, cifrado, de resto, na meditação original de vários problemas espirituais dos meus dias, mas proclamam, ao mesmo tempo, como razões de simpatia e aprêço, os meus quilates de prosador e a minha larguíssima curiosidade intelectual...".*

Crêmos firmemente que a brilhante chama espiritual de Manuel Anselmo está sendo soprada pelo Bóreas impetuoso dos seus vinte e cinco abris, e, por isso, vacila, sem contudo deixar de dar luz. Crêmos ainda que daqui a alguns anos, quando o moço escritor tiver triplicado o número dos seus trabalhos, será o primeiro a sorrir da altivez dêste prefácio.

Transcrevemos o capítulo referente à apologia do instinto vital na obra literária de Samuel Maia, e confessamos a nossa discordância nalguns pontos.

Mas, como o próprio dr. Samuel Maia, a quem solicitámos algumas linhas sôbre êste ponto, prometeu escrevê-las, melhor do que ninguem êle poderá esclarecer tanto a nós como ao autor da Antologia Moderna.

Enquanto esperamos, voltemos a ler o referido capítulo do livro do dr. Manuel Anselmo:

I

NENHUM português, medianamente culto, pode desconhecer, hoje, a obra, a todos os títulos notável, de Samuel Maia, quer no campo científico, quer no campo literário. Médico de renome, jornalista e cronista minucioso e brilhante, romancista de méritos invulgares, contista de excelentes virtudes narrativas, o autor do *Sexo forte* é, já daqueles que o público português consagrou definitivamente. Daí, a necessidade de um rápido inventário crítico à sua obra literária e, nomeadamente, à sua faceta de romancista, cuja actividade é, em meu entender, a que mais singulariza a sua personalidade de escritor.

São da sua autoria quatro romances: *Mudança de ares, Sexo forte, Luz perpétua* e *Dona sem dono*, uma peça dramática: *Braz Cadunha*, um livro de viagens: *Por terras extranhas*, e dois volumes de contos: *Entre a vida e a morte* e *Língua de prata*. Da análise demorada destas suas obras reconhece-se, imediatamente, como sua principal, e quási única, realidade, uma fecunda intenção de apologia vital e instintiva, conseqüencia, afinal, da sua compreensão de médico.

Samuel Maia coloca as personagens em cenários, ora rústicos, ora burgueses, mas aprestados de propósito para fazer realçar, nelas, a beleza sensual da vida e a verdade indiscutível dos instintos humanos. Isso o realizou êle, melhor do que em qualquer outra das suas obras, no *Sexo forte*, romance digno de um Lawrence, que é, de resto, a sua coroa de glória. Mesmo quando falha, em pormenores psicológicos ou em materiais pròpriamente técnicos, tôdo êsse romance é, sempre, uma ampla descrição saüdável e pitoresca — e por aí ganha. O temperamento sexual do Padre Serafim Tantoc e as suas aventuras emotivas e animais, deram pretexto ao romancista para realizar, num colorido forte e rude, a descrição dos ambientes beirões e da sua original e extraordinária païsagem, de forma a fazer coïncidir o carácter do frascário, vencido a tôda a hora pela sua indomável necessidade de prazer, com a generosa temperatura vital do cenário, garrido e saüdável, de tam belas sugestões naturais e campesinas. Algumas doces figurinhas de mulher e o notável desenho moral de Padre Silvino servem, no romance, de desafronta: mas, através de tôdas as suas páginas, estua a mesma calorosa solicitação vital e natural de tôdas as obras de Samuel Maia.

Também o romance *Luz perpétua* nos dá, a seguir, notícia do mesmo invencível determinismo vital. Narra-se, nêle, o amor de Pedro Caselas por Mafalda, filha de D. Martinho, senhor da casa de Fujãis, amor contrariado desde o início mas, ao fim, vitorioso e forte, apesar de, nessa data, Pedro e Mafalda se encontrarem vinculados, cada um, a casamentos diferentes. O romancista, porém, porque se baseou apenas nas realidades intelectuais, animais e humanas de ambos, desprezou os preconceitos sociais e, junto do catre em que se finara D. Martinho (que fôra o responsável, ao fim arrependido, do inicial afastamento de ambos), os juntou. para sempre, no mesmo beijo de amor.

A *Dona sem dono* dá-nos, por último, a biografia moral e sexual de Mariluca dos Bandavizes, desde que nasceu em Touriga, de um pecado de amor, até que, exausta de sofrimento e de prazer, decide renunciar à vida, acolhendo-se a um casamento humilde e sem romance. O mesmo generoso ambiente de simpatia vital, o mesmo carinho pelas exigências irreprimíveis da animalidade pura, (é isso o que afirma, nêle, o seu parenteso com Lawrence), murmuram através, das páginas de todo o romance que, diga-se de passagem, não acusa melhores qualidades que as do *Sexo forte*. Quási se poderá afirmar que o Padre Tantoc e Mariluca são, afinal, a mesma personagem, em *travestis* diferentes: razão porque creio ser

ESPIRITUAIS

DE SAMUEL MAIA

nela vê Manuel Anselmo

permanente o intuito de Samuel Maia o desenvolvimento, através de acções diversas, de uma única tese de apologia dos instintos vitais.

O Mestre Ventura, admirávelmente desenhado, pensa, afinal, o mesmo que Mateus Má-Língua; e nisto se verifica, de novo, o condão do romancista que até no próprio romance repete as personagens. Ambos servem, porém, para a compreensão moral de Mariluca; o primeiro mais intelectual, o segundo mais experiente e mais crítico. Não se negam, ambos, a justificar o procedimento da leviana que, após ter sido desflorada por um pastor na quinta de seu pai, o fidalgo das Bandavizes, carreia, pela vida e pela Europa, a sua hereditariedade libidinosa, através de diversas aventuras de amor livre.

Em *Mudança de Ares*, que foi, de facto, a sua estreia literária, o romancista pretendeu, apenas, insinuar o mesmo vocativo dos instintos nas personagens mais castas e educadas. O médico Manuel Mendes, em correspondência com o seu antigo companheiro de Coimbra, o advogado Cristóvam de Melo, surpreende, nêste, uma neurastenia e um desalento que, imediatamente, se propõe curar. Disposto a isto, Mendes resolve abandonar por uns tempos o seu consultório de Lisboa e ir passar uma temporada, em bem merecidas férias, à quinta dos Lagares, nos Caniços, propriedade do seu amigo Cristóvam. Lá, vai encontrar uma hospitalidade digna do renome beirão e, através de tipos rústicos e ladinos, uma imagem viva e real da Beira que logo o apaixona. Dando início ao tratamento que ia tentar para salvar o amigo das garras da tristeza e da insatisfação, Manuel Mendes surpreende que a causa inconsciente da neurastenia de Cristóvam era um evidente impulso amoroso dêste por Finita, uma filha de um seu caseiro que, desde menina, fôra educada em sua casa, pela tia Leonarda, como filha, exactamente como Madalena, sua irmã. Confirmado o dôce mistério, e quando os dois tímidos namorados já haviam compreendido a verdade de seus instintos amorosos, apaixona-se Manuel Mendes por Madalena, seduzido pela mesma lógica, quási vegetal, dos temperamentos humanos. Assim termina o romance com dois casamentos, em homenágem à grande verdade vital e rústica.

II

A sua peça dramática *Braz Cadunha*, sem dúvida uma das mais belas e das mais vigorosas do teatro português contemporâneo, permanece fiel à mesma teoria naturalista, embora sob um aspecto novo. Braz Cadunha *(travesti* do João Rabiça da *Mudança de Ares)* subordina tôda a sua ambição vital à conquista do Chão da Murta, pedaço de terra que ficava vizinho das suas propriedades e que êle amava apaixonadamente, desde que, como seu caseiro, o lavrara e tratara. Por amor dessa terra, havia entregue a sua defunta mulher à cubiça amorosa do fidalgo seu patrão; por amor dela, negocia Braz, com Alfredo Contente, procurador com plenos poderes do fidalgo proprietário, o casamento com êle, de sua filha única Maria da Paixão, já prometida a outro e por outro desvirginada, a trôco de uma criminosa venda simulada dêsse Chão da Murta que, assim, lhe ficaria pertencendo definitivamente, para sempre. Não atentara Braz, de nenhuma maneira, nas conseqüências criminais que isso traria para Alfredo Contente, como nenhuma importância ligara, de resto, à vontade de sua filha que êle bem sabia apaixonada por outro, por Albino, com quem ela se comprometera de corpo e alma. O que interessava a Braz era possuir, como legítimo e único dono, o Chão da Murta, fôsse como fôsse, e ainda que todos tivessem de morrer, por via disso. As conseqüências fôram as mais dramáticas: o assassinato desesperado de Maria da Paixão e de Albino, por Alfredo, logo que se viu logrado e deshonrado, e o suïcídio dêste, nas mais cruéis e trágicas circunstâncias. Mas Braz pouco se incomodou com os sucessos: a sua única preocupação era manter a posse do Chão da Murta, terra que êle adorava com carinho animal e vegetal, e defendê-la, depois que ficticiamente a comprara por escritura pública, da reivindicação do fidalgo, seu legítimo proprietário. Para isso, emquanto se procedia à autópsia dos mortos e a carne de sua própria filha (?) era retalhada pelos médicos, Braz propõe casamento a Luzia, mãi da vítima Albino, para que ela, única testemunha de que a venda do Chão da Murta fôra simulada, o não revelasse a ninguém. Triunfa, assim, o quási pecaminoso amor de Braz pelo Chão da Murta, amor que constitui, afinal, a fisionomia subjectiva da sua animalidade vital.

Esta peça, cujos diálogos são notáveis pelo colorido verbal e cujo tema é um dos mais originais e representativos de todo o teatro português, vem demonstrar ser exacta, em Samuel Maia, a influência que Artur Ribeiro Lopes, a propósito do romance *Dona sem dono*, lhe atribuiu, das idéias e postulados de Nietzsche. Na verdade, quer nêste *Braz Cadunha*, onde o amor pela terra é tam dominador como o amor sexual, quer no *Sexo forte*, onde o génio da espécie toma exclusiva atenção ao romancista, que também é médico, ou na *Dona sem dono*, onde a Mariluca é, afinal, a experiência vital das teorias de Mestre Ventura, tam filosóficas como frascárias, Samuel Maia esbanja páginas do melhor quilate literário, elogiando a vida sensual em tôdas as suas manifestações e detalhes. Não ignoro que Bernardo, em *Braz Cadunha*, Padre Silvino, em *Sexo forte*, e o próprio Mateus Má-Língua, em *Dona sem dono*, são eloqüentes excepções, mas

Dr. Manuel Anselmo

também Anatole usou e abusou das excepções para repisar e sublinhar as suas teses.

Todos os entrechos de Samuel Maia são, afinal, uma série de deduções científicas em que as personagens são utilizadas como pacientes cobaias. Nem por escritos brilhantemente, numa das mais castiças e castigadas linguagens de tôda a nossa história literária, se poderá deixar de notar a, afinal lógica, arbitrariedade psicológica de quási tôdas as suas personagens, incluindo a da própria Mariluca que se contradiz, por várias vezes, no romance. Por aí perdem, talvês, os seus romances, desde que se aceite ser dever do romancista abdicar de tôdas as idéas feitas, estéticas, morais ou religiosas.

De todos êles é, sem dúvida, *Sexo forte*, sob o ponto de vista técnico, o melhor. Isto não obsta, porém, a que consideremos *Dona sem dono*, pelas suas descripções primorosas de Espanha e de Itália, pela notícia psicológica e rápida de indivíduos como Gonzalin, Julian, Cássio e Carminho, e pelo âmbito dramático das suas expressões vitais, um dos mais notáveis romances portugueses contemporâneos. Ambos êles, afinal (como *Mudança de Ares, Luz Perpétua* e *Braz Cadunha)*, são testemunho real da simpatia, quási involuntária, de Samuel Maia, pela essência animal da natureza humana, simpatia essa que o leva a situar os momentos psicológicos das suas personagens em cenários de forte cunho animal e vegetal, capazes de ajudar a compreender e a justificar, nelas, o invencível poderio da vida instintiva e cega. Por aí ganham as suas páginas e ganha, afinal, o autor, — pois é êsse seu evidente intuito de apologia vital e instintiva o que nas letras portuguesas contemporâneas, singulariza o valor literário e dramático da obra de Samuel Maia...

Lisboa, Maio de 1936.

Manuel Anselmo.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

As nossas gravuras dão o aspecto duma corrida de *ski* na Serra da Estrêla, desporto tão agradável como salutar que se está desenvolvendo em Portugal a bem do turismo. Vê se também um grupo de esquiadoras, vendo-se entre elas a vencedora da prova n.º 22. Como se vê, Portugal progride acompanhando as nações mais adiantadas

O sr. dr. Júlio Dantas lendo o seu discurso sôbre o fundador do Teatro Português, na sessão solene que inaugurou as comemorações vicentinas. Presidiu o Chefe do Estado, honrando a comemoração com a sua presença o sr. Presidente do Conselho, o sr. Cardial Patriarca e o Corpo Diplomatico

Banquete de reünião do Curso Médico de 1912, realizado uo Casino do Estoril. Ao fim de um quarto de século quanta recordações, quantas saüdades, quantos triunfos e quantas desilusões! Recordar, ao menos, e nisso se concentra todo o encanto!...

TRISTE REGRESSO

ERA uma vez uma linda menina que veio ao mundo para felicidade de seus pais e enlêvo de todos quantos a viam.

Uns olhos negros, profundos e tristes, abriam-se no seu rosto alongado e pálido que uma farta cabeleira de um negro azulado emoldurava.

Se não fôsse o sorriso que alegrava um pouco a gravidade imprópria da sua idade, a pequena pareceria já uma mulher a quem a vida tivesse martirizado e ensinado a resignação.

De índole melancólica e romântica, muitas vezes se confinava num mutismo que sobressaltava os pais, que a julgavam doente.

Só havia uma coisa que fazia vibrar aquela natureza quási indiferente à vida — a música. Essa, sim, que a fazia sonhar deliciosos sonhos, mal definidos ainda, e que eram, sem que o pudesse adivinhar, os sonhos que mais tarde se converteriam numa realidade magnífica, em que o amor e a glória se dariam as mãos.

Quando ouvia umas notas de música, mesmo saídas de um dêsses realejos ambulantes, a rapariguita começava dansando instintivamente, como tocada por mola oculta.

Enquanto os pèsitos volitavam, como dois passarinhos, ensaiando as asas fora do ninho, todo o seu corpo acompanhava o ritmo musical, com uma graciosidade que admirava fôsse tão feminina, em tão verdes anos.

Quando chegou à idade de freqüentar escolas, matricularam-na no Conservatório de Paris e daí a pouco a nossa pequena heroína dansava na Ópera dessa cidade, no grupo dos *ratinhos*, que é como lá chamam às discípulas de baile.

■

Quem, anos passados, a visse no palco dos seus primeiros ensáios, já mulher e primeira figura, não a conheceria.

As linhas do seu corpo grácil tinham adquirido mais firmeza e crescera erecta como um lírio.

O cabelo penteava-o duma forma original e única, com pesados bandós, cobrindo-lhe as orelhas como as asas de um corvo. Só os olhos não tinham mudado. Continuavam espalhando em sua volta aquele mesmo olhar profundo e triste, que nem quando os lábios sorriam se alegrava. Esse olhar era o seu encanto mais sedutor, que lhe banhava o rosto numa luz de infinita suavidade e doçura.

Ninguém a via que não ficasse deslumbrado.

Tentou artistas, estouvados e ascetas, e o seu ciclo de amor dourou-se com a paixão dum rei dum grande país — grande pela sua poderosa mentalidade, pequeno pela sua extensão.

Leopoldo II da Bélgica, o rei que adorava o belo em tôdas as suas variadas expressões, prendeu-se à sua arte, aos seus gestos elegantes e finos, mais talvez do que aos seus encantos de mulher ou, talvez, a essa prodigiosa mistura de sonho e realidade que a bailarina trazia consigo.

Foi uma época brilhante para a arte francesa — a dessa mulher que era a artista mais retratada e caricaturada da França de nossos dias, e que poucas igualaram em popularidade.

Outras havia que com ela se defrontavam no mesmo palco célebre e que muito valiam também. Mas não tinham a sua originalidade. Eram um pouco como qualquer outra.

A favorita de um público de reis e plebeus, porque a todos agradava, distinguia-se em tudo das suas camaradas.

As suas atitudes tinham o quer que fôsse de inédito, e, quando sorria, dir-se-ia que o paraíso se abria perto dela.

■

Mas tudo cansa na vida: A felicidade desmedida é tão difícil de suportar, como a desgraça.

A vencedora de tanta batalha em prol da arte e da beleza fatigou-se das suas vitórias.

Quiz descansar de tanta celebridade, viver a vida desataviada de aclamações dum simples mortal, e deixou a sua arte, disse adeus aos aplausos e às lisonjas, e foi viver, numa casinha linda, doirada como moldura digna da sua linda imagem.

Tinha então trinta e oito anos, a idade em que a mulher é uma flor de amar inteiramente desabrochada, e por isso mais fácil de desfolhar pelos ventos dos invernos que por ela vão passando.

Poucos anos teve para gozar a tranqüilidade do anonimato voluntário.

Veio a guerra com todos os seus horrores e necessidades. Para fazer face às exigências da vida do após-guerra, ela foi vendendo, vendendo... até que êsse ninho construido com tanto amor se foi desfazendo dos seus confôrtos e êle próprio foi engulido na voragem de mil e uma ressaco.

■

Um dia olhou-se ao espelho. Não tinha já a frescura antiga, mas os olhos continuavam profundos e tristes, embuídos de sonho.

Pensou em regressar aos seus passados triunfos.

Penteou-se com os mesmos bandós pesados de negro — já artificial por certo — e surgiu uma noite, num palco de Paris.

Aquele seu sorriso, que lhe valia de cada vez que se esboçava um fio de pérolas para enrolar na sua garganta de cisne, já não entusiasmava a gente de agora.

Seus olhos eram tristes de mais para o motim da hora presente, os seus bandós contrastavam singularmente com as cabeças de *garçonne*, e as ondulações mais ou menos permanentes.

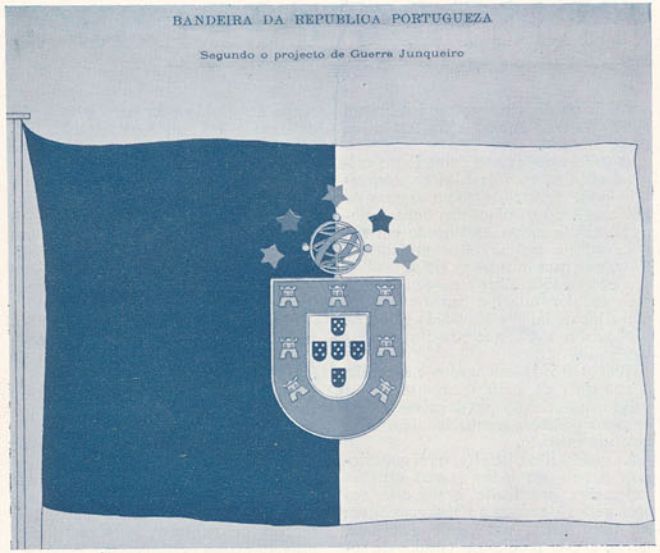
Depois, a sua dansa, duma doce melancolia, não tinha para o público de hoje a atração duns compassos de *jazz* destrambelhado até à desarticulação.

E achou-se, na sociedade que veio encontrar, como uma intrusa que ninguém compreendia já. Parece novela, mas é da vida que estas linhas saem. E a protagonista é a Cléo de Mérode mais um ídolo que a ingratidão dos homens derrubou...

Bem mais feliz foi a Salomé que, certo dia, deu volta ao miôlo do tetrarca. Se tivesse a desgraça de vir ao mundo nos tempos actuais de nada lhe valeria a sua famosa dansa dos sete véus. Em vez de ter conseguido a cabeça do Baptista teria deixado a sua no primeiro casino em que entrasse...

Mercedes Blasco.

Leopoldo II da Bélgica



RECORDAÇÕES E

A debatida questão da bandeira da República

e a tenacidade de Guerra Junqueiro

Não posso precisar qual o dia em que encontrei Guerra Junqueiro, no gabinete de Bernardino Machado. Talvez nos meados de Novembro...

Andava pelejando a sua campanha da bandeira.

Dias depois da proclamação da República, em Barca de Alva traçara algumas linhas que *A Pátria* publicou, *en-tête*, a 16 de Outubro de 1910, e resumia assim: — "O fundo da alma portuguesa, visto com os olhos, é azul e branco!"

Do Porto, a 14 de Novembro, dirigiu ao jornal *A Luta* uma larga exposição, um verdadeiro estudo, sôbre a bandeira que idealizava como signa da Nação no novo regimen; é um belo trecho, em que a maior lucidez do raciocínio anda a par com o mais alto vôo poético.

Viera já o Poeta a Lisboa, antes? Creio que não. E julgo que veio, expressamente, para converter os ministros do Govêrno Provisório, a um por um, à sua bandeira.

Ás primeiras palavras, percebi o descontentamento em que se encontrava...

— Como é que esta gente não compreende a importância desta questão, que é primacial? Começamos mal, meu amigo. Um país que renega a tradição, está perdido: é como renegar a sua alma. A República veio para libertar; mas como? Unindo! O que nos dividiu, o que nos enfraqueceu, e ia perdendo? A Corôa: eliminemo-la, e bastará. Não se muda de bandeira, como quem muda de camisa. Vai ver...

E começou a converter-me a mim, também...

Senti que seria fácil: a bandeira azul e branca foi o estandarte dos bravos do Mindelo — e fui sempre liberal, e ainda mais liberal do que republicano.

Mas naquele dia não me rendi ainda; eu era muito de *O Mundo*, que se batia pela bandeira verde e vermelha, arvorada na Rotunda, a bandeira, histórica já, do 31 de janeiro.

A bandeira, segundo o projecto de Guerra Junqueiro

Ao despedir-me do Poeta, à porta do Hotel Central, no Cais de Sodré, reparei que estava febril. Eu não queria alarmá-lo, mas disse-lhe:

— O senhor está cansado; precisa repousar...

— Sim, querido amigo, mas isto passa: vou enchapuçar-me em sono e em leite. Venha amanhã jantar comigo.

Fui: de facto, encontrei Junqueiro já sem febre...

Seriam quatro da tarde; conversámos largamente: o pessimismo invadia o Poeta. Tudo lhe parecia mesquinho.

— Veja: a Revolução foi épica; o heroi primacial foi o Povo. Mas quem comandou na Rotunda, foi um comissário naval: é evidente o absurdo de o fazer almirante... Tem de ser? Então arrume-se de vez o ridículo caso: façam almirante o Machado Santos, mas já.

E o que vêmos? E' preciso dar um tostão: e o govêrno regateia; mas, vintem a vintem, vai-se chegando à conta... Agora teima, emperra, e não quere ir além de capitão de mar e guerra — quatro vintens! Pois dê-se o tostão, que temos mais que fazer...

Fomos para a meza: Junqueiro comeu, como de costume.

Ficavam, numa meza próxima, uma senhora e dois cavalheiros... Acabaram antes de nós: e, levantando-se, os dois cavalheiros beijaram, curvando-se em grande mesura, a mão da senhora, sentada ainda — para o cerimonial.

Junqueiro não olhava para êles, mas sentia a cêna, e, vendo-me pasmado, observou:

— E' a mulher do Hintze Ribeiro, o Paçô-Vieira e o Alberto Braga: os da monarquia eram assim — idiotas; os de agora sabe o meu amigo como são...

E continuou nêste diapasão.

Eram dez horas, quando deixei Junqueiro, junto do elevador, subindo para o seu quarto; a sua última frase foi esta:

— Não, não; assim, este govêrno não faz história; faz cisco...

Passei pelo *Mundo:* na sala de trabalho lá estavam, não só os redactores, mas muitas visitas.

Veio a falar-se da questão da bandeira.

O Mayer Garção ria a bandeiras despregadas:

— Aposto que Você esteve com Junqueiro!

— Estive, agora mesmo.

E o Mayer contou que o Poeta, logo no dia em que chegou a Lisboa, entrara pela sala dentro com ares apostólicos, e fizera um grande sermão. Coisa vã — que ali todos eram pela verde e vermelho...

E, quási em côro, redactores e visitantes:

— Era o que mais faltava!

E decretaram, com o ingénuo jacobinismo daquelas primeiras horas: — Aquele que for pela bandeira azul e branca é um *talassa*, um verdadeiro monárquico!

Vexado, opuz:

— Pois se combati contra a Monarquia, foi para ser livre, para dizer o que penso e o que sinto: — eu sou pela bandeira azul e branca!

Foi assim que me decidi.

* * *

No dia seguinte, no Ministério do Interior, no gabinete de João de Barros, director geral de instrução primária, estávamos alguns amigos seus, e entre êles, se bem me lembro, Lopes Vieira, Teixeira Gomes, João de Deus Ramos, Augusto Gil e Columbano.

A certa altura, apareceu Junqueiro. Vinha entusiasmado: tôda a guarnição do cruzador *S. Gabriel*, que iniciara a Revolução na Marinha, aderira ao seu projecto, e dissera-lhe o João de Menezes que Paiva Couceiro aderiria à República, se conservassem à bandeira as côres da Liberdade — o azul e branco da campanha de 1828 a 34:

— É todo o heroismo dum século, a nosso lado! A República, sagrada pelo único defensor digno da Monarquia!

Não me recorda qual de nós propôs se organizasse uma comissão para fazer a propaganda do plebiscito da bandeira: o que estou certo é que a comissão ficou logo ali constituida, e que saí, com Junqueiro, a encomendar à *Editora*, do Conde Barão, a impressão do modêlo da bandeira e das listas para assinaturas.

Justino Guedes dirigiu, pessoalmente, os trabalhos: mas alguns dias se passaram sem que o Poeta se desse por satisfeito com a côr verde de duas das cinco estrêlas do diadema verde-rubro que substituiu a Coroa.

Tiraram-se dezenas de provas; não fazíamos senão correr do Hotel Central para as Oficinas do Conde Barão: Junqueiro queria um verde astral!

Até que, emfim, se chegou a um verde, senão astral, semi-astral, e Junqueiro partiu para o Porto, deixando-me a carta seguinte:

"Meu caro amigo

É indispensável distribuir imediatamente as nossas listas para assinaturas em tôda a área da cidade, anunciando nos jornais de maior leitura as diferentes casas em que se encontram.

Tenha o cuidado de escolher estabelecimentos sérios de republicanos históricos. As livrarias, as tabacarias e lojas de grande concorrência são as mais idóneas para êsse fim. Mande fazer listas de modêlo igual às dos nossos adversários. Mostraram-mas ontem na redacção do *Mundo*, e já hoje vão ser distribuídas. Temos de lutar, *e iá*, com as mesmas armas.

Recebi ontem muitas cartas apontando-me a necessidade de distribuir as listas imediatamente. Passado amanhã, o mais tardar, deverão ficar espalhadas e anunciadas. Não há um instante a perder. Na Sociedade de Geografia contam-se já 5 mil assinaturas. A nossa vitória será esmagadora. Não descanse. Escreva-me para o Porto.

Seu cordial amigo

Guerra Junqueiro

Lisboa, 5 de Dezembro de 1910."

Executei as ordens de Junqueiro; fui, pessoalmente, por tôda a cidade, distribuir bandeiras e listas: dumas e doutras tínhamos dezenas de milhar de exemplares.

Entretanto, o Govêrno Provisório, sem esperar o plebiscito, decidiu a favor da bandeira verde-rubra!

Junqueiro voltou do Porto, enfurecido; êle tinha contado bem os votos do Govêrno, mas, de entre os ministros, houve quem fraquejasse, e a bandeira (soube-se que por maioria dum voto) foi decretada.

Então, na derrota inesperada, um problema instante se ergueu para mim: — como pagar á *Editora?*

A Comissão não voltara mais a reünir, e tudo fôra dirigido por mim, com a assistência de Junqueiro.

As despezas de impressão montavam a quinhentos mil réis — cem libras oiro, nêsse tempo!

Não tive a ingenuidade de convocar os membros da comissão... João de Barros — generoso, como sempre — ofereceu-me pagar a meias: mas onde tinhamos nós cem libras?

Dirigi-me a Justino Guedes:

— Venho pedir-lhe a grande fineza de conceder-nos o pagamento em prestações...

— Não me deve nada: o sr. dr. Guerra Junqueiro já pagou tudo.

* * *

Entre os meus papeis, encontro alguns que me dão saüdade.

Junqueiro custava-lhe escrever, e não ditava. Falava, falava; e eu, sôbre alguns apontamentos, procurava construir, tanto quanto podia, junqueirianamente.

Para exemplo, e para humilhação minha, transcrevo um trecho dum artigo, que não chegou a saír:

— "A bandeira é uma síntese e uma estrofe. Drapejando á clara luz do sol, será acção imorredoira e cântico divino, afirmação histórica e benção heróica.

"Salpicado do sangue rútilo dos mártires, prégará pelo azul paz ás almas sedentas de Justiça, mas absortas na imaculada alvura radiante e no verde esmeraldino da esperança.

"O fundo azul e branco é, biológicamente, nacional — quer dizer, representa a nossa emotividade ingénua e sonhadora, o temperamento cândido e amoroso do povo português. Agrada á vista como expressão lírica da nossa alma, e satisfaz o nosso espírito como um vivo símbolo político.

"Azul e branco são em 1820 as côres revolucionárias do laço nacional; e surgem, de novo, na Terceira em 1830 na bandeira do Constitucionalismo, quando êste representa uma aspiração popular e é uma aventura heróica. Esse estandarte pôde, assim, tremular como uma augusta bandeira.

"O brazão evoca a luta guerreira que sagrou o territorio da Pátria, retalhando-o, palpitante, no solo da Peninsula; os castelos e as quinas são emblemas vivos e tradicionais.

"E a esfera armilar que, lógicamente, na nossa decadência, se havia separado do escudo, é reintegrada como símbolo da imortal epopeia das descobertas e conquistas de Além-Mar. No renascimento, que se inicia, não é, porém, uma simples recordação do Passado; é a própria imagem do Futuro; dir-nos-ha, a todo o instante, que da manutenção e civilisação das colónias depende a autonomia do País.

"E, no diadema, as cinco estrêlas aludem, numéricamente, ao dia 5 de outubro; e, sendo, cromáticamente, vermelhas e verdes, como o estandarte da insurreição, simbolisam na luz astral a idealidade revolucionária — o momento épico da Rotunda brilhando em fulgor sidério".

Espero contar, um dia, a forma como foi realizada uma entrevista que intitulei *Ouvindo Guerra Junqueiro*, e foi publicada na *Atlântida* em 1917. Trata-se nela do grande poema Pátria, e, especialmente, da exegese dos admiráveis tercetos de Nun'Alvares.

Dir-se-ia que o Poeta pôs à prova a minha capacidade de realização da prosa junqueiriana.

Junqueiro, que ouviu toda a entrevista, pouco ou quasi nada emendou.

Tal a sua generosidade...

Saudosos tempos!

Lopes d'Oliveira.

APONTAMENTOS

Os abaixo assignados, cidadãos portuguezes, desejam que a nova* Bandeira Nacional *obedeça ás seguintes condições, em qualquer projecto que se adopte:

1.ª Conservar o azul e branco, porque, alem de exprimir a nossa indole affectuosa e sonhadora, symbolisa a revolução de 1820 e as luctas gigantes da Liberdade de 1830 a 34.

2.ª: Manter os castellos e as quinas, historicamente fundamentaes.

3.ª: Substituir a corôa, avultada, por um emblema glorioso e soberano, o da Republica.

Esse emblema, no projecto de Guerra Junqueiro, desenha-se em cinco astros, numericamente lembrando o dia 5 d'outubro, chromaticamente verdes e vermelhos, como o estandarte heroico da Revolta, e a exprimir no fulgor sidereo, a luz ideal dos nossos corações, a manhã ovante das nossas almas.

Mas se alguem achar dentro das mesmas idéas, uma realisação esthetica superior, um modelo mais nobre e mais harmonioso, o poeta perfilhal-o-ha com enthusiasmo, desistindo do seu inteiramente.

Nomes	Profissões	Moradas

Cabeça da lista de Guerra Junqueiro

AS NOSSAS COLÓNIAS

As prosperidades de Moçambique
e a obra do Grémio dos Radiofilos

A nossa província de Moçambique, sempre fiel às suas gloriosas tradições, continua a honrar a Pátria que "deu mundos novos ao mundo». Não se suponha, no entanto, que a formosa província se deixou ficar debruçada no porto de Lourenço Marques a evocar os tempos idos, entregue a mórbida apatia dos que se limitam a viver do passado.

Moçambique — honra lhe seja! — acompanha resolutamente o progresso em todas as suas modalidades.

É desvanecedor saber que nessas paragens africanas vibra a alma nacional, hasteando com fervor a bandeira das Quinas para honra e glória de Portugal.

Verificamos que, ao cabo de pouco mais de três anos, o balanço da actividade do Grémio dos Radiófilos da Colónia de Moçambique apresenta os mais belos frutos do esforço dispendido.

O valioso benefício que a C. R. 7 A A representa para os portugueses perdidos no isolamento do mato está bem evidente com o apoio e o aplauso de toda a colónia. Por sua vez, a propaganda da província feita pela Emissora do Grémio na União Sul Africana, na Rodesia e na Niassalândia é das mais proveitosas que poderiam imaginar.

Repare-se que, todos os dias, dezenas de cartas, provenientes daquelas regiões, exaltam calorosamente essa estação e os seus programas. No Transvaal, por exemplo, as firmas vendedoras de aparelhos de rádio referem que os compradores exigem, como prévia condição, que os receptores lhe permitam ouvir Lourenço Marques. Pode mesmo afirmar-se que, ali, está avaliado em 70 % o número de ouvintes que preferem as emissões da C. R. 7 A A a quaisquer outras.

Foi assim que o Grémio de Radiófilos conquistou uma tão vasta popularidade, preparando-se para tirar dela os mais belos frutos.

Adoptou a locução inglesa, a par da nacional, deu predomínio, na organização dos programas, à música portuguesa, restringiu tanto quanto possível o palavrório que, regra geral, aborrece os ràdio-ouvintes, — e, ao mesmo tempo, empenhou-se para atrair anúncios do comércio da União Sul Africana, agora em franca prosperidade, e, por isso mesmo, habilitado a remunerar melhor e a dispender mais com a propaganda de seus produtos.

Essa fonte de riqueza está criada; à Emissora de Lourenço Marques afluem, progressiva e frutuosamente, os contractos de programas musicados de firmas da África do Sul.

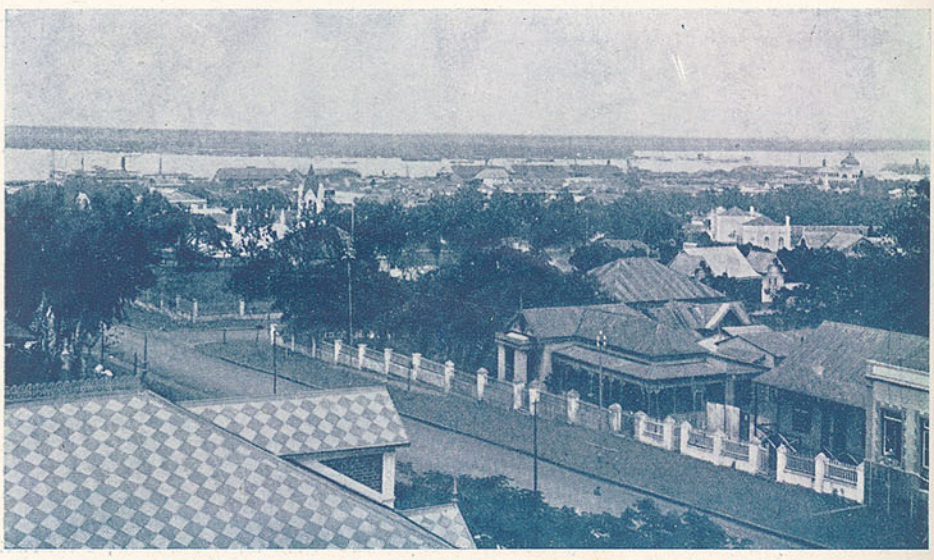
Bem estudado, bem encaminhado, pode o recurso servir, de futuro, para manutenção dos serviços de radiofonia em Moçambique, ou pelo menos para lhes atenuar sèriamente os encargos.

Segundo a opinião do sr. António de Sousa Neves, presidente da direcção do Grémio, que se baseou nos mais seguros ensinamentos «o equipamento radiofónico de Moçambique deve consistir em duas emissoras pequenas para servirem a Colónia e uma outra, potente de 10 ou 15 kw. para assegurar a sua ligação com a Meótrpole, e para propaganda na Europa, Brasil e América do Norte.

Gilberto Tubio e Dr. António de Sousa Neves, os dois infatigáveis paladinos do Grémio dos Radiófilos aa Colónia de Moçambique

«A primeira parte desse programa está realizada. Chegou há dias a segunda emissora do Grémio, a que se destina a servir as zonas de silêncio.

«Resta a Grande Estação e as instalações de *studio* perfeitas.



Um aspecto de Lourenço Marques

ANTÓNIO CÂNDIDO

RECORDAÇÕES DA ÁGUIA DO MARÃO

TODA a gente que se interessa por estas coisas literárias sabe que António Cândido era natural de Amarante e foi um dos maiores oradores sagrados, académicos e parlamentares do Portugal Contemporâneo.

Oriundo de uma pequena aldeia nortenha, nasceu pobre, em berço sem rendas, no meio de uma païsagem que é das mais severas e grandiosas que eu conheço — a serra do Marão.

Havia nos seus olhos tristes, na sua têz morena, no alheamento e vago da sua presença, muito dos homens da montanha.

António Cândido

A lenda quere que o homem que mais tarde havia de sentar-se em palácios, ao lado de reis, começasse a vida pastoreando gado.

Não sei se é assim, mas a lenda tem também a sua poesia e até a sua verdade, e não convém, por isso, destrui-la.

O que sei é que, de facto, os começos da sua vida fôram simples e humildes, como os de tôda a gente sem fortuna e que tem de criar o seu próprio nome.

Se agora evoco êste orador que nunca ouvi, não é tanto pelo seu valor literário que era grande e muito grande, como pela impressão de saüdade que em mim deixou o tê-lo conhecido pouco tempo antes da sua morte.

Eu estava então no Marão a descansar, e, um dia, despreocupadamente, fui-lhe bater á porta, em Candemil.

Disse-lhe quem era, falei-lhe da minha família que êle conhecia muito bem, e o certo é que dias e dias seguidos fui recebido na sua casa, num ambiente doce e calmo, como oasis no deserto, até que uma tarde êle partiu para a distante Lisboa, onde residia a maior parte do ano, e eu, pouco depois, fui-me até Coimbra, onde então era estudante.

Essas tardes do Marão, rôxo da urze do monte e oiro vivo do sol, orquestradas pelo zumbido contínuo e incessante de pequeninos seres invisiveis, como as recordo!

A casa de António Cândido ficava num outeiro, perto da estrada, junto da egreja da freguezia e da escola do povoado.

Podem-me dizer agora que os seus discursos excessivamente académicos já não são lidos e perderam o brilho com tempo, como certas flores que tiveram o perfume e côr, secam e morrem, abandonadas, sem água, nas jarras de cristal.

Seja como fôr, a verdade, porém, é que os seus discursos fôram dos mais belos e harmoniosos que se proferiram em Portugal, nos últimos tempos, e isto lhe basta para a sua glória e para arrastar também com a crítica fácil de quem confunde a oratória que é uma arte pura, com filosofia ou ensaio.

Não era um orador espontâneo, mas sim um orador que meditava e compunha as suas orações, antes de no-las dizer, no modelado da sua voz, como um prosador burila a sua prosa e um estatuário esculpe as suas estátuas.

Eram sempre o produto de longa elaboração cerebral e sentimental, como acontece com quási todos os artistas de nome.

O improviso não o tentava.

Porque evoco hoje, aqui, a sua figura gentil, pregunto a mim mesmo, tantos anos decorridos sôbre a sua morte?

Não sei bem, mas creio que, pelo menos, é um dever de todos nós relembrar, de vez em quando, as altas figuras da raça, que junto de nós passaram fugaz ou perduravelmente. Vão decorridos muitos anos depois que o conheci em Candemil, pequena aldeia do concelho de Amarante, já na serra do Marão.

Passou-se isto em 1920.

A sua casa exposta ao frio da montanha, isolada, lá está como outrora, branquejando, por entre as árvores que a cercam.

Mas, outra vez que por lá passei, não tive a alegria de ouvir a voz do grande orador chamar por mim, como nessa tarde de outono, macia, com rosas a desfolharem-se, brandamente, no pequenino jardim, e que eu nunca mais me esquecerei, tal era a magia que a aureolava. Há um desgracioso monumento de granitoa perpetuar o seu nome.

Na avenida de árvores frondosas onde êle passeava a vêr morrer o dia, a erva cresce e inunda tudo. Só as rosas no jardim pequenino se desfolham como outrora, quando o vento se levanta da montanha, povoada de sonhos e de medos.

E perto, no cemitério, que é dos mais pobres que tenho visto, repousa para sempre, na paz das altitudes, ao lado dos pegureiros, sob uma pedra branca de mármore, aquele que foi um dos maiores oradores do país.

Alfredo Brochado.

Uma rua típica de Mértola

CHARNECAS FLORIDAS

Os cantares alentejanos

que tanto sensibilizaram a cândida alma lisboeta

A província do Alentejo mandou há dias a Lisboa os embaixadores da sua alta expressão musical, não para se exibirem num palco, mas para que todos os lisboetas os ouvissem em todo o seu encanto nostálgico e profundo. O ilustre escritor Manuel Ribeiro, fazendo a sua apresentação, salientou que nenhum dos seus patrícios "perdeu — nem quere perder — as qualidades nativas de vigor, de acção viril e de dignidade altiva, virtudes que são timbre dos povos que para além do Tejo, na mais heroica e incruenta das batalhas, conquistaram a terra com o ferro do arado, e fizeram duma província bravia, simbolizada no brejo e na charneca, o provido celeiro da Nação».

E acrescenta:

"Só é heroica a actividade que cria, só é abençoado por Deus o braço que espalha a semente que há-de florir em pão. E que orgulhosa tarefa e missão sublime, as de uma raça que trabalha e cria — cantando!

"Nalguns momentos, que ficarão inolvidáveis, regressaremos ao passado longinquo da infância, e sentiremos palpitar o coração da nossa terra, ouvindo, como num belo sonho, esvoaçarem os os cantos que nos trazem nas suas asas a fragrância das searas, o gorgeio da cotovia pairando sôbre a planície, o murmúrio vago das amplidões sem fim, cantares saudosos que a todos nós embalaram — música dos berços que é mesma música dos ninhos...

"Esta música, soliloquio íntimo que se faz corpo através do mais terno lirismo que é o da harpa bucólica ferida por mãos simples de cavadores, não foi criada, bem o sabemos, para se ouvir entre pompas e galas, no mágico deslumbramento duma casa de espectáculos. Écloga dos campos, quinta-essência melódica extraída das cantilenas das fontes e das aves, do sussurro das brizas e das folhagens, e do silêncio múrmuro dos êrmos, só nos plainos rasos, só na imensidade do descampado aberto a todos os horisontes, só aí o cantar alentejano adquire fôlego largo e ressonância. E singular contradição! Esta mesma larguesa amplificadora dá aos nossos cantos os tons baixos e graves do cantochão, como se pezasse sôbre êles e os abafasse a cúpula cristalina dos céus, ali sensível em tôda a sua magnitude. A mesma imensidade faz que em certos cantares do sul a voz se prolongue, se distenda e ondule em volutas doces, fio de oiro melodioso que alastra e perfura as distancias, como os sulcos claros das estradas que se desenrolam a perder de vista.

"Tem melancolia o cantar alentejano; o que distingue porém doutros ritmos dolentes, depressivos, é o lirismo virgiliano em que se inspira, é a seiva de ruralismo são que o impregna e lhe dá viço, frescura, claridade.

"Sublinhado artistico da labuta rural, é o cantar alentejano essencialmente o canto do trabalho. Embora o labôr rural se torne cada vez mais em faina e azáfama, e vá perdendo aquêle ritmo calmo e harmonioso das Geórgicas, como que feito para se articular à cadência das vozes, haveis de ter notado que é sobretudo no nosso Alentejo que o granjeio da terra se faz cantando. E não desapareceram ainda os ranchos das mondadeiras que nesta quadra do ano esmaltam de côres garridas o verde mimoso e tenro dos trigais e se deslocam com a lentidão e o compasso das orquestras dos rebanhos caminhando nos prados.

"Só no Alentejo há o culto popular do canto. Ali se criou o tipo original do "cantador». Pelas esquinas, altas horas, embuçados nas fartas mantas, agrupam-se os homens: esmorece a conversa, faz-se silêncio, e de subito, expontâneamente, rompe um coral. É o diálogo em que êles melhor se entendem, é a conversa em que todos estão de acôrdo.

"Quem não viu em Beja, em certas ruas lôbregas, em certos recantos que escondem ainda os antros esfumados das adegas pejadas de negras e ciclópicas talhas mouriscas, quem não viu duas bancadas que se defrontam e donde se eleva um canto entoado, solene e soturno, com o quer que se seja da salmodia dum côro de monges?

Um carro alentejano

"O alentejano canta em coros e canta só. Pelos caminhos, ao luso-fusco, o pastor que leva o rebanho ao aprisco, o aldeão que regressa de enxada ao ombro, alteiam no espaço e atiram aos êrmos a toada melancólica dos seus queixumes, das suas mágoas de amor. "Nêstes campos solitários, onde a desgraça me tem...». As cantigas são sempre as mesmas e nunca envelhecem como os corações: a musicalidade é que varía e busca novas entonações, novos ritornelos, que não passam aliás de réplicas do mesmo padrão original.

"O cantar alentejano raro é folião ou libertino. O canto é sério, compenetrado, diremos mesmo, solene. A dança não é peculiar ao alentejano, porque a dança é movimento, é volubilidade, e o alentejano é lento, comedido, contemplativo, extático: "De vagar e entoado é que se quere o bàlhinho».

* * *

Referindo-se aos cantares alentejanos, o sr. José Sebastião e Silva esclarece-nos com a sua provada competência e delicia-nos com a sua emoção de verdadeiro sonhador.

Eis um fragmento das preciosas revelações que teve a amabilidade de nos enviar:

"Não tendo emprezas de paisagem onde recrear a vida, o alentejano volve o olhar para dentro — e sonha. Este feitio sonhador é mesmo um dos seus traços dominantes, ou êle não fôra um digno representante do elemento árabe, na Península.

Porém, o sonho que o absorve, se umasvezes é voluptuoso, à maneira muçulmana, significando um dôce aniquilamento produzido pelo ambiênte amolecedor, — na maioria dos casos, é antes um doloroso estado de renúncia, que exige o mais completo isolamento. Renúncia evidentemente forçada, torturante; ascere involuntária, imposto pela agrecerividade do meio e pelas condições sociais; espécie de realcamento que gera uma nevrose — a nevrose da alma transtagane.

Um aspecto de Vila Verde de Ficalho

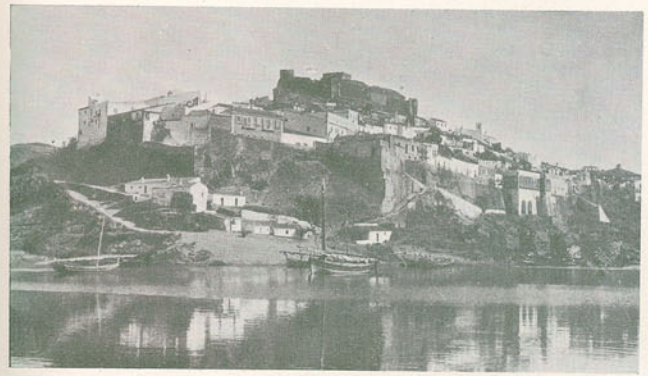
É sabido como, semelhantes estados, inegávelmente patológicos, são, muitas vezes, o ponto de partida de manifestações artísticas. Até as pérolas não existiriam, se um morbo não afectasse o organismo que as segrege... Ora pois, os alentejanos defendem-se de sua dôr — cantando. E difícilmente haverá canto mais sincero, mais expontâneo, mais profundamente sentido. "Canto que de alma deriva», êle é a reprodução nítida, perfeita, de tudo o que nessa alma se produz. E, por vezes, que elevação de pensamento, que delicadeza de emoção!

A música é sempre singela, e o rítmo — solene, cadenciado, lento — é a mesma ondulação do terreno, transportado para os sons. Em todas as suas manifestações — e principalmente no canto — é preciso ter em atenção o caracter pouco formalista do alentejano: familiarizado com uma paisagem onde é lei a monotonia e a sobrieda roça pelo ancetismo; que impressiona pelo primitivismo grandioso e rude, — pouco lhe interessam os acidentes: só atende ao imutável. Preciso é salientar que nos referimos unicamente ao homem inculto e, em especial, ao camponês — essa figura extranha que se vê dominando a "heróica planície», encerrado num mutismo hierático, e parece brotado da mesma terra que deu as azinheiras e os matagais.

Em resumo: o cantar alentejano resulta duma necessidade interior, a que não se pode deixar de satisfazer, e é isso o que o torna inconfundível».

* * *

Eis, pois, o Alentejo em tôda a sua grandeza, em todo o seu encanto, em todo o seu fatalismo, que Lisboa conseguiu apreciar bem junto do seu coração hospitaleiro.



Aspecto de Mértola

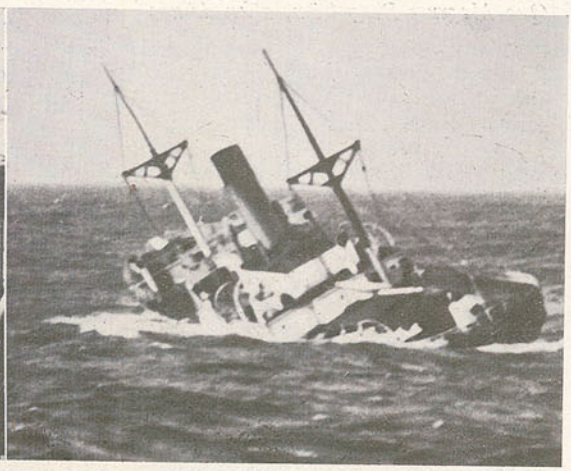
A embaixada patriótica dos portugueses do Brasil que veio saüdar o Govêrno do Ressurgimento Nacional

A bordo do "Cap Norte„ chegaram a Lisboa os membros da Federação das Associações Portuguesas do Brasil que, em romagem à Pátria, vieram saüdar o Govêrno do Ressurgimento Nacional. Os membros dessa nobre missão de patriotismo são os srs. Vitorino Moreira, presidente da Câmara Portuguesa do Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, antigo primeiro presidente do Congresso dos Portugueses no Brasil; António Parente Ribeiro, presidente da Assistência aos Portugueses Desamparados, tesoureiro do Directório da Federação; Augusto de Castro Lopes, secretário do Directório da Federação, do Rio de Janeiro; José Lourenço dos Santos Baptista, de S. Paulo; José Bento de Carvalho, de Santos; Vasco Vieira da Fonseca, do Rio Grande do Sul; José da Costa Magalhães, da Baía; Manuel Gaudêncio Ramos, José Rufino e José de Brito Crisóstomo, do Pará; dr. António Pereira de Sousa, de Pernambuco. A alma portuguesa, cheia de confiança no seu futuro, manifesta-se sempre, esteja onde estiver, com uma inquebrantável fé nos destinos da Pátria. O mar, não tendo para ela horrôres que a assustassem, não pôde ter também a fatal virtude do Rio do Esquecimento. Esse Lethes mitológico, se conservou o seu poder nessas eras nebulosas, é porque nunca fôra atravessado por um português. Que se o fôsse, teria perdido imediatamente, o seu encanto. A gravura acima mostra a embaixada patriótica, e, em baixo, a entusiástica recepção no caes de desembarque

NOTICIAS DA QUINZENA

Finalmente, o Eden Teatro, em cujo acabamento laborioso muita gente julgou ver as decantadas obras de Santa Engrácia, abriu as suas portas ao público, mostrando-se, em tôda a amplitude de uma casa de espectáculos modernissima e cheia de confôrto, digna das grandes capitais. Francamente não poderia desejar-se mais. *À esquerda:* O sr. dr. José António Marques discursando, no palco, no momento da récita solene de inauguração

Os srs. Presidente da República e os ministros da Educação Nacional e do Interior assistindo ao espectáculo inaugural. Nessa altura, o Chefe do Estado condecorou o sr. Lopo Lauer que, além de empresário, é um dos autores da peça, com o oficialato de Santiago. *À esquerda:* Um aspecto da visita dos jornalistas ao elegante teatro



Há dias, a estação costeira da Rádio-Marconi captou um S. O. S. do vapor inglês "Standale„ que se encontrava em perigo, pedindo aflitivamente socorro. Após as mais torturantes peripécias, os náufragos foram recolhidos a bordo do paquete inglês "Vandick„ em viagem de turismo de Inglaterra para a Madeira. Calcula-se a aflição dos desgraçados que, em face da inclinação do barco naufragado, não podiam sequer lançar as baleeiras de salvação. A gravura acima apresenta os náufragos no momento da sua chegada a Lisboa a bordo do "Vandick„. *À direita:* O "Standale„ na lastimosa situação em que ficou

Castelo de Lanhoso

A História de Portugal — manancial inexgotável de tão belos episódios — tem sido deturpada centenas de vezes, ou por ignorância pretensiosa ou por má fé requintada dos que, não podendo aproximar-se do grande Herculano, se tresmalham pelos invios caminhos da inveja.

E, assim, fôram aparecendo livros, livrinhos e livrecos a propósito de qualquer coisa, negando veracidade a Fernão Lopes, a Azurara, a Damião de Gois — e até ao próprio solitário de Val de Lobos!

Depois das páginas magníficas de evocação histórica que nos deram Rebelo da Silva, Alberto de Pimentel e o conde de Sabugosa, e das que, felizmente há de continuar a dar-nos por muito tempo ainda o dr. Júlio Dantas, que mais se tem escrito em Portugal?

Surge agora um livro primoroso — Coitas de amor — *do dr. Magnus Bergström que, numa linguagem vernácula e sugestiva, nos apresenta em todo o seu encanto o* alvorecer do amor em Portugal.

Que Magnus Bergström, além de nos ensinar a escrever português, dando largas à sua inspiração ardente, criasse figuras de lenda para nos deliciar o espírito, ainda se compreenderia, graças ao talento do artista. Mas que nos apresentasse figuras reais, cheias de encanto e beleza, sem torcer nem alterar a verdade histórica, é que nos parece um autêntico prodígio. Coitas de amor *é um livro delicioso cheio de encanto, suavidade e ternura que nos atrái, de página para página, cada vez mais. Quando o coração se enternece é porque lhe falam do que êle tem de mais grato.*

Eis um trecho do capítulo A primeira saüdade portuguesa *em que perpassa a "alma guerreira de D. Tereza escondida debaixo das formas delicadas e suaves de mulher", tal como a definiu Herculano:*

D. Teresa

COITAS DE AMOR

Como desabrochou a primeira saüdade

nesta abençoada terra portuguesa

FERNANDO PERES, demasiadamente confiado na bôa estrêla, não percebeu que a sua desmedida influência devia provocar o descontentamento dos barões portugueses. Estes ao convencerem-se de que êle era um intruso que se propunha postergar os antigos foros, não quizeram mais acatar o preito e lealdade devidos a D. Tereza. Ricos homens e infanções não estavam dispostos a suportar a supremacia do estrangeiro, que impunha o seu nome até nas cartas de doação.

D. Tereza conservava a mesma capacidade governativa, mas a exagerada autoridade de que se revestira o conde de Trava logo revelou, sob a forma do escândalo, a natureza duma das mais ardentes e sinceras afeições que a História regista.

A honestidade da infanta, aos primeiros comentários dos maldizentes, maculou-se com as côres da desgraça. A rebelião, sobrelevando as mais profundas dedicações, em breve indicaria o caminho do exílio.

Afonso Henriques, ao despertar do sonho de criança, achou-se oprimido pela indiferença materna, e o desprêzo que o senhor de Trava manifestava por êle era o pior dos escárnios. Dotado de carácter violento, o filho do conde D. Henrique sufocou as últimas hesitações. Contava com o valor e o apoio dos numerosos inimigos de sua mãe, a qual, imprevidentemente, o havia arredado dos negócios do Estado.

D. Paio, arcaboiço de gigante, não desistia de se vingar da ofensa que, em 1122, molestara gravemente a sua dignidade arquiepiscopal. Trazia gravado na memória tudo o que se prendia com os acontecimentos dessa época agitada. A cúria reünira: a ameaça estampava-se em tôdas as fisionomias, as alterações avolumavam-se de momento a momento, as invectivas explodiam brutais e confusas, quando êle, arcebispo de Braga, se dispôs a falar. Um murmúrio correu a roda dos ricos-homens, infanções e cavaleiros, e, estabelecido o silêncio, a voz de Paio Mendes retumbou para explicar que tempo houvera em que as esperanças se voltavam para a mais perfeita rainha do mundo. Ela, então, reünira as qualidades que a tornavam adorada: só a portugueses galardoava com tenências, alcaidarias e meirinhados; só a portugueses escolhia para capitães das hostes empenhadas em amplicar as fronteiras dos seus domínios.

.....

Teresa, num só dia, viu desaparecer, no campo de S. Mamede, o poder do mando, e a sua alma, contudo, não vacilou entre os deveres de mãe e a exaltação de amante. O filho vencera, os portugueses pediam o cativeiro para ela, mas a seu lado ficara o conde de Trava.

Ainda soavam as aclamações de vitória e já a raínha vencida murmurava:

— ¿Amigo, por que me não desamparastes?

E o conde de Trava respondeu comovidamente:

— Porque uni o meu destino ao vosso, Tareja, porque a minha vida vos pertence nesta hora de perdição.

No final da batalha, o infante não castigou a mãe com bragas infamantes. Impôs-lhe apenas perpétuo destêrro.

Teresa e Fernando Peres, ao anoitecer daquele abrasador dia de Julho, acharam-se, enfim, na solidão da serra. Ao pensamento da filha de Afonso VI acudiam, em tropel, os tempos venturosos de Guimarães. Então, a saüdade da terra que considerava sua invadiu-a, e Fernando Peres surpreendeu-a chorando. Num impulso benfazejo, inclinou-lhe a cabeça, e, perdidamente, cobriu-lhe de beijos bravos a pôlpa outonal da bôca úmida.

¡Ah! païsagens do Minho, quão saüdosa Teresa as contemplava na mágica alva do dia! Primeiro o Ave, depois o Lima e o Minho, rios de paz, com margens de bondade infinita. Nos ribeiros, nos regatos e no consôlo das próprias regas — sempre o murmúrio das águas; nos tranqüilos solares e nos brancos casais — sempre a fartura das colheitas. ¡Como eram magníficos os poentes purpurinos na terra tão vizinha da Galiza, como as pupilas de Teresa se demoravam deslumbradas nos outeiros e encostas, nos gementes açudes, nos pinhais fugitivos e nas igrejinhas onde a missa se ouvia em rezas de ingénua piedade cristã!

Fernando Peres de Trava

Um sentimento profundo se apoderava da sua alma dolorosamente amarfanhada: calvário ou santa relíquia, a mágoa que a oprimia nascera das lembranças do passado, lembranças que eram, sem dúvida, na poesia das lágrimas, a primeira e a mais bela saüdade portuguesa.

Cerrando as pálpebras, Teresa distinguia nitidamente as espadas que, ensangüentadas até os mangos, se erguiam contra ela, e a turba inconsciente que a acusava de vil traição. A crueldade do exílio vinha mostrar-lhe a fragilidade da gratidão humana.

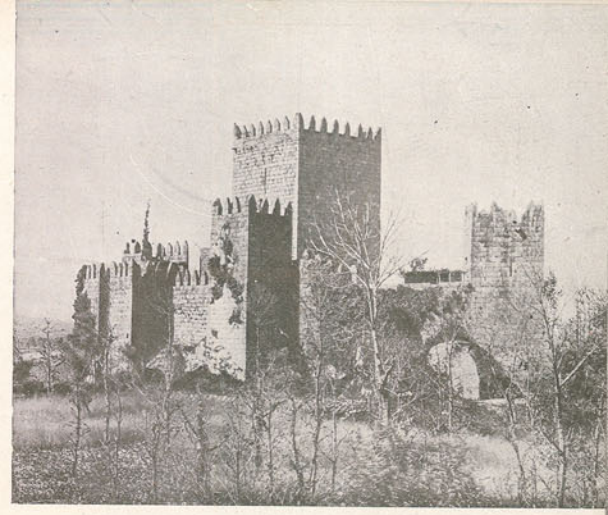
Teresa compreendeu que só lhe restava na vida o amor sincero do conde de Trava e de-pressa percebeu, com o admirável instinto de mulher apaixonada, que o seu corpo, modelado pela graça voluptuosa, ia perdendo as formas surpreendentes, e que os seus olhos de ardente fascinação se amorteciam de pesar. Os cabelos começaram-lhe a embranquecer, na face assomaram lhe as rugas como vincos por sôbre os quais fugiam céleres tôdas as aspirações dum outro tempo melhor. Ocultando a dor e os pressentimentos, agora, mais que nunca, apegava-se ao amante numa obsessão doentia.

Jordaneando dia e noite, Teresa e Fernando Peres demandaram a donosa Galiza. Tui ficava perto. Ali descansariam da estirada. O rio Minho segredar-lhes-ia notícias de Portugal. Em barco ligeiro, iriam juntos até à ínsua, onde, na primavera de 1121, os cavaleiros de D. Urraca tinham obtido sôbre os portugueses as vantagens da guerra.

Nada mudara na antiga cidade. As mesmas ruas estreitas, os mesmos atraentes hortos e jardins, as mesmas casas, as mesmas vetustas ruínas evocavam ainda as curiosas transformações por que a Península passara.

Olhando para o panorama, Teresa mais e mais se convenceu da verdade e entusiasmo que pusera na realização do seu plano — tornar independente o seu condado, encorporando nêle a Galiza, de forma a constituir-se um Estado poderoso, capaz de suportar o embate das mais furiosas ambições políticas.

Dr. Magnus Bergström



Castelo de Guimarães

Teresa, afrontando os rigores da invernia, meteu-se a caminho de Sant'Iago de Compostela. Queria aconselhar-se com Diogo Gelmires, porque, ao meditar nas suas culpas, nunca pudera resignar-se com a ingratidão dos barões portugueses. Fernando Peres animava-a com palavras de vingança e contava também com o valimento do prelado compostelano.

Diogo Gelmires ouvira de confissão a Infanta-Raínha, e, sem perder a astúcia que lhe era peculiar, falou-lhe das penas eternas e da crença firme com que os pecadores obtinham a misericórdia divina. Indicou-lhe a catedral para as orações do arrependimento.

Teresa, a figura alquebrada, o rosto pálido, amparando-se ao senhor de Trava, transpôs a porta principal do majestoso templo, e, vacilante, encaminhou-se para o altar-mór. Ajoelhando, à luz mortiça das lâmpadas alçou o olhar penitente para a imagem de Sant'Iago. Ao balbuciar as rezas que aprendera em criança, subitamente, em perfeita visão redentora, distinguiu as duas filhas, Urraca e Teresa, tamaninas ainda, que lhe estendiam os róseos bracinhos, enquanto voz de timbre profético ordenava:

— Perdoai aos que vos odeiam!

Diogo Gelmires tinha razão. Para ela, que se orgulhava outróra da magnificência real, a salvação estava na humildade. Não mais pensaria na vertigem do mando, aproveitando o pouco tempo que lhe restava de vida a repousar o espírito, a recordar, um a um, os breves sonhos de ventura.

Resignada, percorreu a Galiza inteira, visitando cidades e vilas, orando nas igrejas, e, em cada crista de montanha, em cada veio de água límpida, em cada vale, em cada planície, reviu as formosuras do condado portucalense, formosuras que cabiam inteirinhas nas suas saüdades de exilada.

No dia 1.º de Novembro de 1130, Teresa agonizava. O seu olhar, ao buscar o do senhor de Trava, cobria-se da ternura do derradeiro adeus. Os seus lábios lívidos abriram-se numa súplica:

— Aproximai-vos, Fernando...

Soluçando, o conde de Trava abeirou-se mais da infeliz amante.

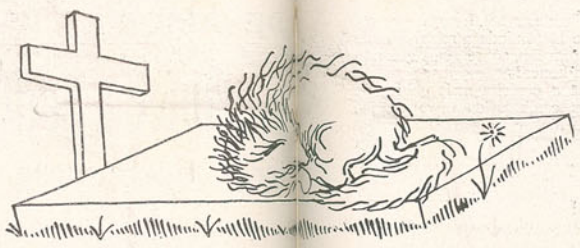
— Ouvi. Se no mundo há outro amor tão grande como aquele que devemos ao Salvador, o meu por vós foi assim. Não me arrependo de tanto vos ter querido, e se a morte permite um último afago, dai-me o beijo da extrema saüdade...

No sossêgo da imortalidade perfulgirá o nome de D. Teresa, porque ela foi a primeira mulher de sangue nobre que, em territorio português, abriu ao amor os mais preciosos tesouros do coração.

Para as finas sensibilidades, a dor de Fernando Peres perpetuou-se nos dizeres latinos duma simples doação conservada no Livro Preto, e para os nossos poetas e pintores a regência da filha de Afonso VI de Leão oferecerá, no decurso dos séculos, quadros dignos de serem fixados no ritmo dos versos ou no cativante colorido da tela.

Magnus Bergström.

A Condessa Da Ega



ENTRE A CRUZ E A LUZ...

A musa inspiradora de Garrett

É incontestável que o amoroso Garrett, tendo dividido tão pròdigamente o seu coração por tôdas as beldades que os seus olhos viam, dava à sua adorada Rosa a melhor parte.

E, ou levemente tocado pelo ciúme, ao suspirar:

Para todos tens carinhos
A ninguém mostras rigor!
Que rosa és tu sem espinhos?
Ai, que não te entendo, flor!

ou, tentando emancipar-se da paixão que o deprimia e escravizava, quando pretendia fazer crer:

Não te amo, quero-te: o amar vem d'alma.
E eu n'alma — tenho a calma,
A calma — do jazigo
Ai! não te amo, não.

.....

E infame sou, porque te quero, e tanto
Que de mim tenho espanto,
De ti medo e terror...
Mas amar... não te amo, não.

De pouco lhe serviriam tais desabafos, se, logo a seguir, compunha a encantadora poesia *Os cinco sentidos*, que começa assim:

São belas — bem o sei, essas estrêlas,
Mil côres — divinais têm essas flores;
Em tôda a natureza
Não vejo outra beleza
Senão a ti — a ti!

Divina — ai! sim, será a voz que afina
Saudosa — na ramagem densa, umbrosa.
Será; mas eu do rouxinol que trina
Não oiço a melodia,
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti — a ti!

E termina com esta confissão solene:

A ti, ai, a ti só os meus sentidos
Todos num confundidos,
Sentem, ouvem, respiram;
Em ti, por ti deliram.
Em ti a minha sorte,
A minha vida em ti;
E quando venha a morte,
Será morrer por ti.

Não virá longe o dia da publicação das apaixonadas cartas que o Poeta enviou à sua musa inspiradora, e que se consideravam perdidas, visto correr com insistência que a sua destinatária as queimara juntamente com as trezentas e tantas que ela escrevera a Garrett, e, por morte dêste, lhe haviam sido restituídas com um retrato, madeixas de cabelo e flores sêcas.

Graças à persistência do ilustre escritor Júlio Brandão, foi descoberto o paradeiro dessas preciosas missivas de que nos dá segura documentação no seu magnífico estudo *Garrett e as cartas de amor*.

Eis uma dessas cartas:

"3 de Julho.

Outra vez te escrevo d'esta abhorrecida casa do Thesouro, onde hoje faz um calor horrivel — aqui está presente o cansado P. P. que tambem me não faz pouca calma — porém mais que tudo estes negocios financeiros que são mortaes para a minha paciencia. — Recebi a tua adorada de 28. — Estás menos mal commigo: ainda bem! Ochalá que ámanhan ou depois me não venham outras que espero, por que tenho reminiscencia de que outras cartas muito "feias„ te escrevi n'este intervallo, quando me tomava a ancia e o terror de te perder — de te ver demorar muito a nossa separação. — Emfim já não me faltam senão 30 dias provavelmente para te eu tornar a ver!

Sabes tu, minha Rosa, que faz hoje 3 mezes justos que aqui n'este Tejo que agora estou vendo — te separaste de mim? Que disseste aquele adeus mudo — mas tam expressivo, que só eu vi, e que ficou para sempre gravado na minha alma? Estou-te vendo ainda agora, na mesma atitude, sentindo eu a mesma sensação... oh! mas como ella vai trocar-se em prazer, em alegria, quando te vir voltar! — Nem quero pensar n'isso: faz-me mal, transtorna-me. — Querido, adorado amor da minha alma, não cuides que esqueço um momento das provas de amor que me dás — não penses que o fiz nunca — nem quando mais desvarios e loucuras te escrevi porque — mil vezes t'o repettirei — eu tinha a cabeça perdida; e não me deves levar em conta o que em "tal estado„ escrevi.

Antes de hontem houve opera italiana em S. Carlos (que estava fechado) com uma companhia vinda do Porto: fui e pouco me diverti, mas gostei de estar alli comtudo, vendo e contemplando os logares onde te adorava, pintando-me a tua imagem em todas as attitudes em que me appareceste — reproduzindo as scenas todas que alli passámos, oh minha Rosa, sempre te amo muito. — E' tanto, tanto o que te quero, que por "isso mesmo„ ás vezes sou injusto comtigo, duvidando que seja possivel amares-me tu tanto como eu te amo. Juro-te que esta é a verdade, não creio que ninguem amasse tanto como eu — e até de ti — de ti que eu amo tanto me parece ás vezes que não pode ser tudo o que eu queria. E' falso, é ingano, sei que me amas muito, que me não amas menos que eu. Mas deves perdoar-me estas dúvidas ás vezes — e sobretudo intender bem o motivo que te não é offensivo — ao contrario.

E tu, meu bem, minha alma, meu amor, perdoa-me, releva todas estas inconsequencias, não creias senão n'este infindo amor que me abraza por ti. Adeus, adeus.

Não posso mais hoje. A'manhan te escreverei uma longa carta.

Sabes que sou teu, e não saibas mais nada.

Teu, teu só teu.
Mil B.„

J B de Almeida-Garrett

Francisco Gomes de Amorim, ao cumprir o dever de gratidão de biografar o

— *Assim fôra ela — singela*
A minha rosa tão bela,
Nem mudasse assim amores
Com outras folhas e côres!

Nem mudasse assim amores com outras folhas e côres! A sedutora Rosa estava casada com Joaquim António Veloso Barreiros, futuro visconde de Nossa Senhora da Luz. Este bravo do Mindelo, após os mais relevantes serviços à causa liberal, partira para Espanha, comissionado pelo Govêrno de Lisboa junto do general em chefe do exército de Isabel II. Dando largas à sua valentia, tantas e tantas vezes demonstrada em dezenas de combates encarniçados, o nosso brioso compatriota tomou parte na guerra civil que então dilacerava a país vizinho, e logo se distinguiu, como seria de calcular. Mas o que a bravura dos carlistas não conseguiu, conseguiu-o o olhar fascinador da formosa filha dos marqueses de Selva Alegre, opondo-lhe tão apertado cêrco que, no dia 30 de Agosto de 1837, o levou à mais deliciosa das rendições, casando com êle!

ALMEIDA GARRETT devia ter encontrado a sua *mulher fatal* no dia em que escreveu aquêles versos *A minha Rosa*, incluídos no seu livro *Flores sem fruto*, em que — como o próprio autor declara — "ia consignada a maior ou melhor parte das suas sensações poéticas em tôda uma época, e essa a mais aventurosa, a mais cheia e mais importante da sua vida„.

Embora D. Rosa Montufar Barreiros Infante fôsse casada, o Poeta suspirava alanceadamente:

Quem, se uma vez pôs os olhos
Naquela face tão bela,
Não viu nela — a sua estrêla,
Rainha dos seus amores?
Em seus lábios um sorriso
É a luz do paraíso;
E o côrar da face linda
É desabrochar de rosa
Que a manhã, com a sua vinda,
Debruçou n'hástea mimosa
Para inveja das mais flores.

Garrett continuava a suspirar. Aquêles olhos negros, profundos, misteriosos, tentavam-no, atraiam-no cada vez mais.

Se a esposa, D. Luiza Midosi, fitando nêle o seu olhar azul, tentava sondar-lhe no semblante o que se estaria passando naquêle coração em contínuo sobressalto, o Poeta murmurava em prece:

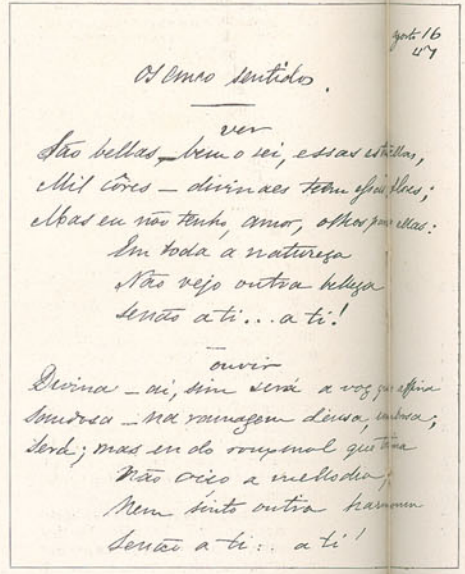
Por teus olhos negros, negros,
Trago eu negro o coração,
De tanto pedir-lhe amores...
E êles a dizer que não.

E mais não quero outros olhos,
Negros, negros como são;
Que os azuis dão muita esp'rança,
Mas fiar-me eu neles, não.

Só negros, negros os quero;
Que, em lhes chegando a paixão,
Se um dia disserem sim,
Nunca mais dizem que não.

E não tardou que êsses olhos negros dissessem que sim, e com tal convicção que assim se mantiveram até à morte do seu pobre adorador, apesar da concorrência que outros olhos negros — os de D. Maria Krus — lhe fizeram sempre com igual constância.

Dizia-se até que o autor das *Folhas caídas* expirara docemente



Os cinco sentidos.

ver
São bellas — bem o sei, essas estrellas,
Mil côres — divinaes têm essas flores;
Mas eu não tenho amor, olhos para ellas.
Em toda a natureza
Não vejo outra belleza
Senão a ti... a ti!

ouvir
Divina — ai, sim será a voz que affina
Saudosa — na ramagem densa, umbrosa;
Será; mas eu do rouxinol que trina
Não oiço a melodia,
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti... a ti!

Autógrafo de Garrett

Visconde da Senhora da Luz

seu amigo e protector, não poupa a nobre dama, chegando, por vezes, a ser, não sòmente impiedoso, mas injusto. Segundo o biógrafo, daqueles amores, que tanto deram que falar, só o Poeta podia ser absolvido!

Conta, por exemplo, que, sendo publicado o livro *Fôlhas caídas*, logo surgiram paródias, uma das quais intitulada *Fôlhas e cascas* e outra *Fôlhas caídas e apanhadas a dente*, com o que Almeida Garrett se magoou mais do que poderia supôr-se. Chegaram até a anunciar folhetins contra o Poeta, metendo a ridículo os seus amores com a viscondessa da Luz! Foi nesta altura que o visado recomendava ao seu zeloso biógrafo:

"— Veja se açama êsses cerberos da moral turva, que, não o digo por imodéstia, me parece que aproveitariam melhor o tempo e fariam mais serviço aos bons costumes, pondo-se de vigia a si próprios, do que vindo malsinar os versos inocentes de um pobre homem, que nunca fez mal a ninguém».

A nosso vêr, se Garrett voltasse a êste mundo, e pudesse ler a volumosa biografia que o Amorim lhe traçara, longe de ficar agradecido, teria o grandíssimo desgosto de verificar que o amigo escolhido para defensor, em vez de "açamar êsses cerberos da moral turva», se incorporara na matilha!

Quando Garrett adoeceu do mal que o vitimou, a viscondessa da Luz correu a visitá-lo, apesar do que se boquejava por tôda a Lisboa. Demorou-se uma hora junto do leito do enfermo, e apenas trocaram breves palavras.

Eis como Gomes de Amorim nos refere êste episódio:

"Cheguei eu de fóra no entretanto; e ela, ao saír, deitou-me os braços ao pescoço, exclamando com as lágrimas nos olhos:

"— Êle morre! êle morre!

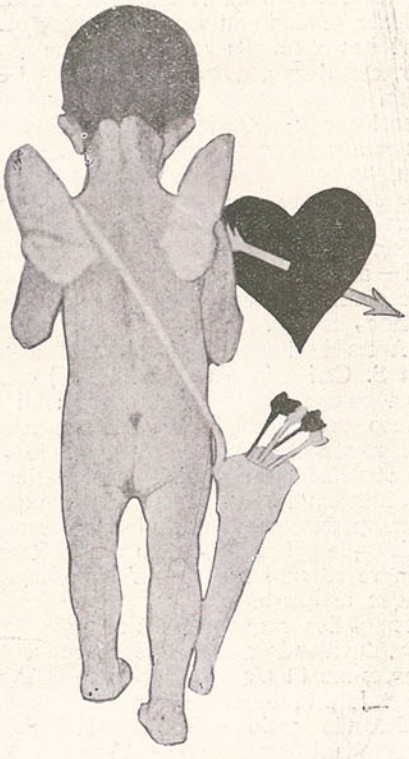
"Eu conhecia-a apenas, e nunca nos tinhamos falado! Tomeia-a a sério; e, apesar da sua presença naquêle santuário do génio moribundo ofender todos os meus sentimentos e melindres, disse-lhe banalidades, e suportei com paciencia o peso da sua bela cabeça no meu ombro por espaço de cinco minutos que ela esteve a soluçar. Finda a cêna de comédia, que representou comigo, não sei com que fim, saíu e não tornou. Garrett disse-me, logo que voltei para o quarto:

"— Peço-lhe que não deixe aquela senhora tornar a entrar aqui.

"Dominava-o o arrependimento. A ela não. Invertiam-se os papeis: era êle que, como a pecadora da sagrada história, devia ser perdoado pelo muito que tinha amado».

Gomes de Amorim foi injusto. Ao relatar o doloroso encontro da viscondessa com o poeta nessa alcova sombria que dentro em pouco seria transformada em camara mortuária, define-o desta maneira cruel:

"Só Deus sabe o que passaria naquela alma, diante da que o tornara tão pecador! E na dela?! Quem pode perscrutar os mistérios do coração feminino?! Ah! quantas vezes nos parece que dêle vai



romper brilhante aurora, levantar-se o sol do amor, e lá continúa a reinar a noite sem lua e sem fim, sôbre gêlos que não se derretem nunca!»

Seria esta a maneira mais prática de "açamar os cerebros da moral turva», consoante o Mestre lhe ordenara?

Mas se o próprio Gomes de Amorim afirmara, algumas páginas antes, precisamente o contrário, como poderia explicar-se uma tal incoerência?

Diz êle:

"Almas vilãs, encharcadas de fel, pântanos de inveja, donde se exalavam calúnias que viciavam o critério público, tripudiaram sôbre a fragilidade do homem e contestaram-lhe as belezas poeticas do livro! *(Fôlhas caídas)* Quizeram fazer crer aos papalvos que todos os contemporâneos de Garrett eram mais virtuosos do que o honesto José do Egipto, e que só João acumulara em si os vícios todos do século; que as *Fôlhas caídas* adquiriram celebridade unicamente pelo escândalo, porque havia cá na terra quem fizesse versos superiores àquêles! Enfim, tanto fizeram e disseram, que, como quási sempre sucede, foram êsses Putifares de má morte que, sem o pensar e sem o querer, concorreram para se vender o livro dentro em poucos dias!»

Mas, afinal quem eram os Putifares nesta tristíssima história? Gomes de Amorim, ao que parece, colocou-se à sua frente como embaixador acreditado com mais descricionários poderes do que os confiados pelo seu ingénuo amigo Almeida Garrett.

O biógrafo não teve em consideração o facto de essa senhora se apresentar junto da cabeceira do Poeta, quanda nada já tinha a esperar dêle. E tudo isto à custa da sua reputação tão duramente mordida! Sacrifícios dêstes merecem a indulgência que o próprio Jesus não recusou à Madalena, perdoando-lhe os seus pecados pelo muito que tinha amado.

Quer Gomes de Amorim queira, quer não, o Poeta, ao evocar no seu leito de agonia "a época mais aventurosa da sua vida», ao voltar a fitar aquêles olhos negros, profundos, sempre meigos e prometedores, não podia deixar de murmurar em prece:

Em ti a minha sorte,
A minha vida em ti;
E quando venha a morte,
Será morrer por ti.

Que nos importam as simpatias e os melindres de tão singular biógrafo?

Uma coisa subsiste:

Gomes de Amorim morreu, e, com êle, toda a sua obra. Se ainda lhe consultam, de vez em quando, a Biografia de Garrett, é porque, tendo o genial poeta das *Fôlhas caídas* falecido ha muitos anos, não vem citado no Anuário Comercial nem na Lista dos Telefones. Só por isso.

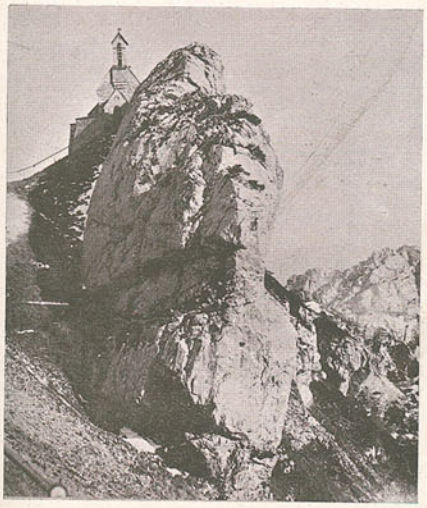
Gomes de Amorim esqueceu — e a Viscondessa da Luz continúa a ser lembrada enternecidamente, e cada vez mais bela, mais romântica, mais amorosa, através das sentidas páginas que o seu cantor nos legou como recordação perene.

Gomes Monteiro.

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

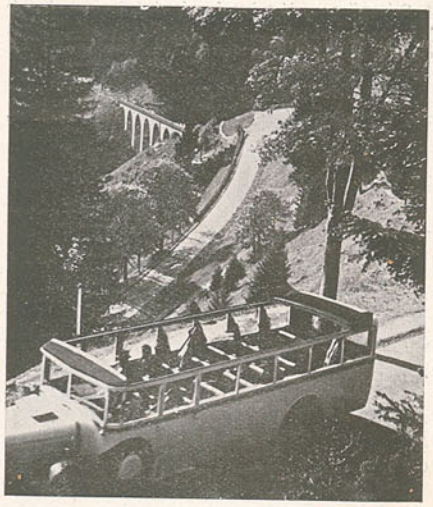
O Instituto de Cria do Estado na Prússia Oriental adoptou no plano de economia de alimentação a existência de peixes por crias artificiais. A nossa gravura mostra os vasos contendo a cria com as caixas de selecção para as crias saídas dos ovos. Os ovos mortos são escolhidos por um aparelho

NA escola de construção de modêlos de barcos em Potsdam, cerca de Berlim, os alunos construiram modêlos muito semelhantes ao cruzador «Königsberg» e ao vapor «Tannenberg». Com estes modêlos será feita uma viagem por tôda a Alemanha. A nossa gravura mostra o lançameuto dêsses barcos miniaturas



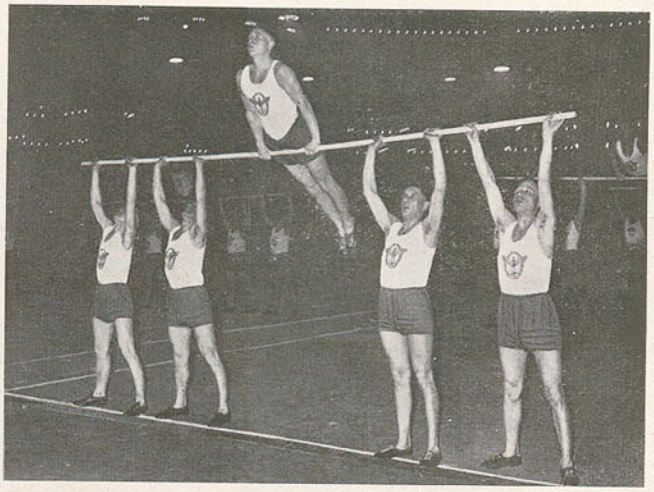
O mais antigo caminho de ferro alpino. A gravura mostra a capela sôbre o rochedo de Wendelstein junto do qual passa a linha férrea agora jubilada

EXAME de aptidão dos automobilistas na Alemanha, vendo-se um dos concorrentes numa das mais difíceis provas, a grande velocidade e terreno pouco propício



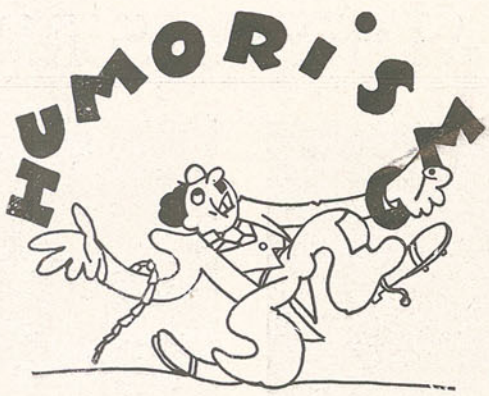
UM aspecto da paisagem da Selva Negra que um dos turistas focou na sua excursão no caminho de ferro de Hollenbahn. Enfim... faz-se turismo...

O avião «Stieglitz», no qual o coronel Udet executou com exito descidas sôbre o dirigivel «Graf Zeppelin» em pleno vôo, evitando assim que os aviões façam escala, visto o correio poder ser transmitido, sempre voando. Por êste andar que mais nos faltará ver ainda? Será desta vez realizada a tão almejada expedição a Marte?



A polícia alemã não se limita ao rigoroso cumprimento das ordens recebidas e sempre adentro da mais rígida disciplina. A nossa gravura mostra os exercícios de ginástica a que os agentes são sujeitos para seu desenvolvimento físico. Claro está que, depois, já incorporados, continuam para manter o adquirido

HUMORISMO



Um médico, recentemente instalado no seu novo domicilio, recebe, passados dias, a visita de um cavalheiro que lhe diz:

— Desculpe, doutor: acabo de estabelecer-me na casa ao lado, e venho suplicar-lhe o favor de me recomendar à sua clientela.

— Mas... que profissão ou que indústria é a sua?

— É uma indústria correlativa: Sou agente de funerais!

■

Apresentou-se um procurador em casa do seu cliente, dizendo-lhe, de chofre, porém com ar compungido:

— Trago-lhe uma péssima notícia! Perdemos a nossa demanda e temos, por isso de pagar as custas a que fomos condenados!

— Então que se lhe ha-de fazer! É ter paciência. Trás aí a conta? — respondeu-lhe a vitima, com forçada resignação.

— Aqui a trago, parcela por parcela. São ao todos seiscentos mil réis.

— Vem a ser trezentos mil réis a cada um.

— Que está o senhor dizendo?

— Pois o senhor não me disse que perdemos a "nossa" demanda? Então. porque ha-de ser que seja eu sózinho a pagá-la, quando fomos os dois a perdê-la?

■

— Então êle disse que não pagava a conta?

— Não disse, mas deu-mo a entender.

— Como?

— Fechando-me a porta na cara.

■

Um indivíduo telefona para uma casa de penhores, pedindo o favor de lhe dizerem que horas eram.

— Essa agora?! — replicou o penhorista arreliado — veja no seu relógio.

— Pois é isso mesmo... Como o deixei aí ontem...

■

Um telegrafista aborrecido no seu posto, nos matagais do Senegal, resolveu para matar o tempo, fazer a um colega uma pequenina partida. E mandou ao colega de Dakar o seguinte telegrama:

Bólide aproximadamente 700 toneladas caíu aqui.

E sem se preocupar mais com a gracinha, foi dormir a sesta, deixando a peta a correr mundo.

Mas o colega de Dakar, assim que recebeu o telegrama, movido pelo mais louvável zelo científico, foi ter com o governador da colónia. Êste deu logo ordem aos seus subordinados para "seguirem o caso" como se diz em linguagem administrativa.

E logo, interrompendo a sesta do nosso telegrafista, foi um telegrama de serviço:

"Vigie bólide. Enviamos missão científica".

O pobre telegrafista, atrapalhado com as conseqüencias da brincadeira, coça a cabeça e por fim salta ao aparelho, e manda o seguinte telegrama.

"Não mandem missão. Bólide partiu outra vez".

O inquilino: — *Mas isto é o cúmulo! Chove aqui tanto como na rua!*
A porteira: — *Olha a admiração! Não lhe disse eu que a casa tinha água em todos os andares?*

O pintor: — *Ás vezes há efeitos muito difíceis de conseguir...*
O crítico: — *A quem o diz, meu amigo!... Calcule: sou um grande amador do bilhar...*

■

Um petiz, entrando em casa, vê dois pêssegos sobre a mesa e prepara-se para os comer. A mãe, que o observa, repreende-o:

— Parece impossível, Antoninho. Nem sequer pensas em teu irmão.

— Penso sim, mamã. Estava mesmo a pensar que êle podia entrar dum momento para o outro.

■

— Apelaste da sentença que te condenou?

— Apelei, mas não tenho qualquer esperança de bom êxito.

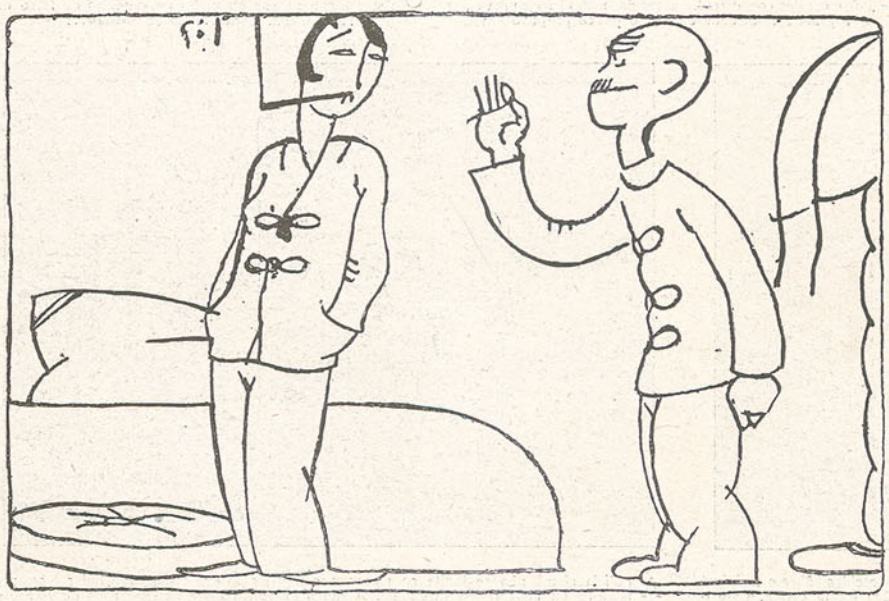
— Não ha nenhuma nulidade no processo?

— Uma apenas: o meu advogado.

■

Falando-se de um indivíduo que casára com uma senhora muito feia e muito rica, houve quem dissesse, definindo-lhe a atitude:

— Comprou-a a peso, e não lhe levaram nada pelo feitio.



O marido desconfiado: — *Não negues. Êste cabelo tão comprido só pode ser de um homem.*

PRODÍGIOS DA AVIAÇÃO

Voar sem perigo através da névoa

O homem, tendo conquistado a terra e o mar, conquistou finalmente o ar, dominando-o inteiramente.

André Lion, tão bom técnico como escritor científico, envia-nos, de Nova York, curiosas revelações sôbre o novo método de guiar um avião com absoluta segurança através da névoa mais cerrada. Salienta que êste método constitui uma nova aplicação da rádio à navegação aéria utilizada já com grande êxito em vários países europeus, cuja rêde de tráfego aéreo é muito denso. Até agora o tempo impedia muitas vezes a partida dos aviões, tornando impossível a regularidade da navegação aérea.

Finalmente, estas dificuldades foram vencidas.

Segundo diz André Lion, tornava-se necessário dar ao aviador os meios precisos para conseguir realizar a aterragem normalmente, sem risco para os passageiros ou para o avião por muito má que fôsse a visibilidade nesse momento. Os técnicos norte-americanos resolveram o problema, formando, de certo modo, um plano inclinado que vai terminar no aeródromo. Este plano não é formado, por certo, com tábuas ou cimento armado: é um plano invisível formado com raios luminosos em tempo claro, e com ondas rádio-eléctricas, raios infra-vermelhos ou outros raios em ocasião de má visibilidade. Um plano está determinado por três pontos, isto é, por um triângulo. Se fôr colocado um emissor no solo do aeródromo onde o avião tenha de aterrar, e outros dois emissores na direcção de entrada do avião, mas um pouco mais elevados que o do solo, obtem-se também um triângulo, e com isto um plano sôbre o qual o avião pode descer no aeródromo. Sendo na água, o emissor situado no vértice do triângulo será substituído por uma balisa emissora, e, em vez das pequenas tôrres com as suas emissoras laterais, podem ser usados dois botes bem firmes com antenas de metal.

É também usado outro processo constituido pelos raios catódicos que produzem num instrumento de agulha um traço luminoso inclinado ou para a esquerda ou para a direita, consoante a direcção tomada pelo avião.

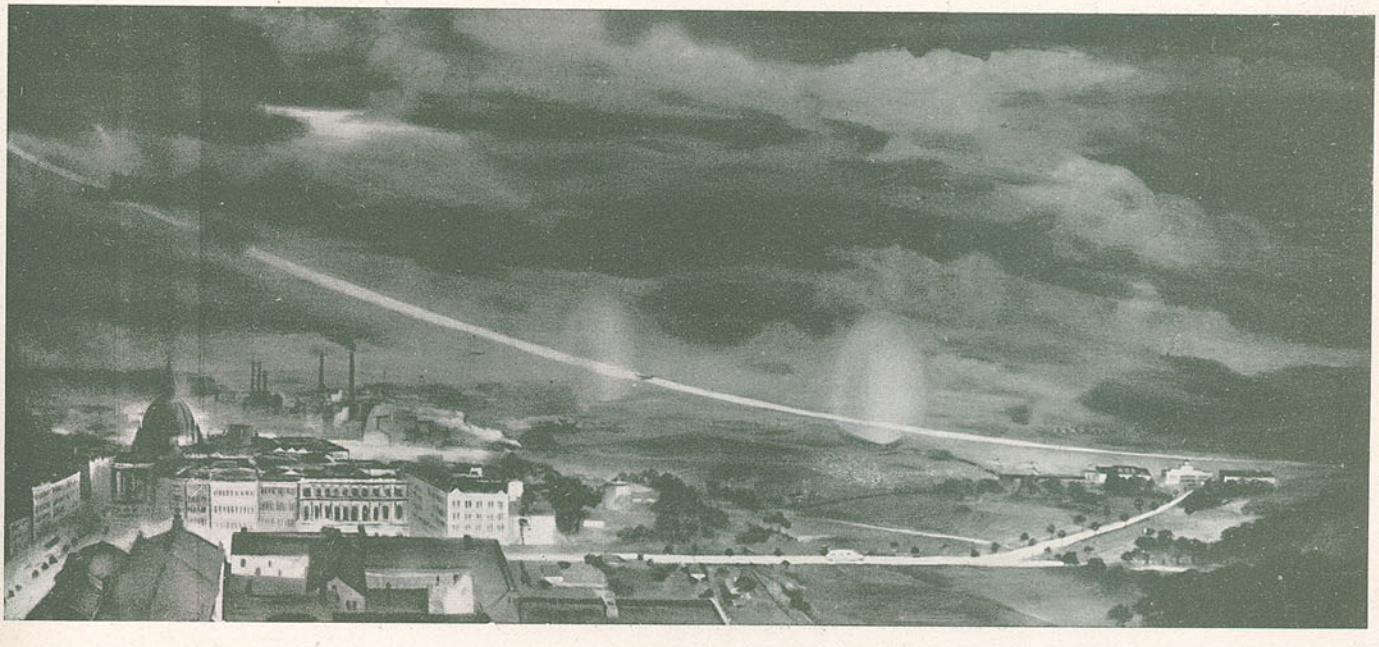
Se o piloto se aproxima do aerodromo, tomando direcção correcta, o traço luminoso alarga-se e forma, a pouco e pouco, uma elipse que chega a converter-se num círculo quando o avião se encontra sôbre o campo onde deve aterrar. Também, nêste caso, o avião é guiado por ondas rádio-electricas emitidas do aeródromo.

No entanto, estes dois sistemas devem ser considerados ainda como ensaios, ao passo que, na Alemanha, a casa Telefunken está construindo, desde ha tempo, instalações para a aterragem ás cegas com a ajuda das ondas rádio-electricas, e que já funcionam em numerosos aeródromos em beneficio da segurança da aviação.

O sistema adotado é constituido, além dos instrumentos receptores do avião, por por três emissoras terrestres, ou sejam uma estação rádio-farol emissora, um emissor de sinal prévio e o emissor de sinal principal. A diferença do método americano (cujos emissores estão dispostos em forma de triângulo) consiste em que os emissores da instalação alemã estão colocados um atrás do outro. O rádio-farol manda as suas ondas invisiveis de poucos metros de longitude, independente do tempo que fizer, em direcção ao avião que se acerca, e, assim, indica ao piloto a direcção exacta da entrada, tanto visualmente por meio duma bússola, como por meio da telefonia.

Dois pequenos emissores, o de sinal prévio e o de sinal principal, montados, respectivamente, a 4 quilómetros do aeródromo e ao lado do mesmo, emitem sinais que indicam ao piloto quando deve começar a curva da descida e quando está próximo a tocar na terra. Além de indicar a trajectória de aproximação, por mais densa que a cerração seja, a instalação para a aterragem permite ao piloto conhecer, a 30 quilómetros do aeródromo, a distância aproximada entre êle e o campo em que deve descer. Faculta-lhe ainda indicações exactas da distância, ao passar o avião sôbre os emissores de sinal prévio e de sinal principal, respectivamente.

Esta instalação nos aviões é simples e prática, pois, não indo além de 22 quilos, é de dimensões reduzidas.



A QUINZENA DESPORTIVA

O campeão Manuel Dias, corta vitoriosamente a meta tendo realizado a maior proeza da sua vida desportiva

A solução prática do problema da educação física em Portugal encontra o seu mais importante obstáculo na ignorância quási geral dos benefícios de aplicação da gimnástica educativa.

Nem a grande massa do pôvo, nem a maioria dos elementos que se intitulam desportistas porque praticam qualquer desporto, consideram com a devida atenção a necessidade de preparar metodicamente o organismo para as lutas da vida ou para os esforços do Estádio.

Recentemente ainda ouvimos um jogador de football de categoria afirmar, a respeito do novo treinador contratado pelo seu club, que era creatura de fracos conhecimentos pois os obrigava a fazer ginástica!

Que progressos poderemos esperar dum indivíduo — aliás fisicamente bem dotado pela natureza — com semelhante incompreensão dos processos de treino e preparação do corpo?

Enquanto os efeitos da propaganda não criarem no espírito da mocidade uma noção diversa das suas conveniências e deveres, ficarão nos limites da pura fantasia tôdas as aspirações de progresso desportivo que nos eleve no conceito internacional.

As responsabilidades do êrro corrente não são da pertença exclusiva dos praticantes, porque em grande parte cabem aos dirigentes, cuja capacidade administrativa pode ser notável, mas cuja ignorância técnica é flagrante.

Para êsses, também, a gimnástica é factor alheável na preparação dos seus homens; admiram-se, depois, da escassês e irregularidade de rendimento, as quais atribuem a causas diversas mas nunca à sua própria falta de autoridade.

Sem nos afastarmos do terreno do football, por ser o jôgo que pela sua divulgação deveria dar aos outros o exemplo da bôa orientação, que juizo havemos de formular dos dirigentes cujas colectividades manteem o funcionamento regular de classes de gimnástica e consentem a livre prática do football a indivíduos assalariados sem lhes impôr como primeira obrigação a freqüência daquelas; e, pior ainda, quando admitem adolescentes ao treino intensivo do mesmo jôgo e à disputa sempre condenável de torneios de competição, omitindo a gimnástica pedagógica do programa dos exercícios preparatórios?

Como em tôdas as circunstâncias a importância das responsabilidades aumenta no sentido do grau de autoridade dos indivíduos culposos; no nosso caso, os praticantes e a massa anónima ignoram o que ninguém teve o cuidado de lhes ensinar, mas os dirigentes e orientadores não podem alegar as mesmas razões, porque se assim fôra, passavam a si próprios o diploma de usurpação de cargos para os quais não possuem capacidade suficiente.

■

A XI Maratona Nacional organizada para encerramento da época de inverno pela Federação de Atletismo deu motivo à maior proeza de todos os tempos dum atleta português.

Manuel Dias, o vencedor da prova, percorreu os 42 quilómetros de estrada no tempo verdadeiramente notável de 2 h. 30 m. 38 s., um dos melhores até à data conseguidos em todo o mundo, como é fácil demonstrar pela apresentação dalguns números.

As duas últimas Maratonas Olímpicas, que marcam sôbre as precedentes nítida superioridade de tempos, foram respectivamente ganhas: a de Los Angeles pelo argentino Zabala em 2 h. 31 m. 36 s., seguido pelo inglês Ferris em 2 h. 31 m. 55 s.; a de Berlim pelo japonês Son em 2 h. 29 m. 19 s., classificando-se após êle outro inglês, Harper, em 2 h. 31 m. 23 s.

Estes dois últimos resultados foram os melhores registados com garantia durante a época mundial de 1936, precedendo 2 h. 31 m. 42 s. do japonês Nau, 2 h. 31 m. 57 s. do sul-africano Coleman, 2 h. 32 m. 9 s. do seu compatriota Gibson, e 2 h. 32 m. 45 s. do finlandês Tamila.

O tempo obtido por Manuel Dias na Maratona Nacional do ano passado, 2 h. 37 m. 20 s., já atesta a sua grande classe, pois ocupa na escala da época o 18.º lugar, em curiosa equivalência com o seu 17.º posto na prova olímpica. Não é fora de propósito recordar que então escrevemos que a prova do valoroso pedestrianista o classificava como um especialista de mérito internacional; os nossos comentários à acção do português na Maratona Olímpica, repetindo o mesmo critério, foram levados por muita gente à conta de nacionalismo exagerado no optimismo das suas apreciações.

Regozija-nos que agora, com a argumentação insofismável dos seus recursos de corredor excepcional, Manuel Dias se tenha encarregado de retificar o nosso juizo a seu respeito alcançando num percurso difícil pelo constante desnivelamento da estrada, um tempo a creditar entre os melhores do mundo.

Não haverá, e afirmamo-lo com orgulho, uma dúzia de atletas no estrangeiro capazes de bater o tempo de Dias.

Não se esqueça esta afirmação para que sejam empregados os maiores esforços no sentido de lhe proporcionar oportunidade próxima de enaltecer de novo o prestígio do atletismo português em competição internacional.

■

Não é Manuel Dias o primeiro português que se notabiliza em corridas de Maratona, e é sempre asado recordar a figura do desditoso Francisco Lázaro, que numa outra competição olímpica foi há 24 anos portador de tôdas as fundadas esperanças nacionais e sucumbiu, como o soldado lendário, vítima dum excesso de vontade.

Até à data, sete foram os portugueses que percorreram os 42 quilómetros clássicos em menos de três horas: Manuel Dias, 2 h. 30 m. 38 s.; Jaime Mendes, 2 h. 42 m. 55 s.; António de Almeida, 2 h. 44 m. 3 s.; António Fonseca, 2 h. 44 m. 27 s.; Francisco Lázaro, 2 h. 52 m. 8 s.; Adelino Tavares, 2 h. 53 m. e Armando de Almeida, 2 h. 58 m. 4 s.

A grande maioria dêstes rapazes, como dos restantes concorrentes a provas de grande fundo, são, profissionalmente, vendedores de jornais, o que os obriga a um treino diário intenso, às vezes até exageradamente intenso para as conveniências do esfôrço atlético.

Para êsses rapazes, cuja vida é correr pelas ruas da cidade carregando um masso de jornais, o treino em estrada ou em pista é um abuso nocivo, e no entanto é aquilo de que fazem a base da sua preparação.

Culpa do meio, culpa da ignorância geral que apontamos no início desta crónica; o trabalho dos técnicos — se os tivéssemos — deveria incidir, sobretudo, na cultura física geral, na correcção dos defeitos de estilo, na educação respiratória e no cuidado aos músculos das pernas.

Nesta Maratona recente verificou-se que os homens mais cotados que desistiram durante a prova, foram a isso levados em estado de folga respiratória, sem esfalfamento, mas por fadiga muscular resultante da ausência de tratamento adeqüado no período preparatório. Que digam êsses valorosos rapazes quantas vezes foram maçajados antes de correr a Maratona.

António de Almeida, o veterano que obteve na Maratona uma excelente 2.ª classificação

Devemos levar a responsabilidade dos abandonos dos corredores de classe averigüada e os resultados inferiores aos recursos de outros, à conta apenas da falta de assistência por parte de quem deveria orientá-los e apenas, afinal, mais os desorienta.

Não se pode exigir regularidade nem rendimento de atletas que não recebam assiduamente os cuidados que para os dirigentes constituem factor secundário, porque reservam êsses "luxos» para as estrêlas profissionais do football que lhes asseguram as receitas que constituem a base da sua táctica administrativa.

Por outro lado os próprios corredores, espíritos indisciplinados e de conhecimentos rudimentares em mátéria de técnica desportiva, dificultam a acção daqueles treinadores que pretendem orientar-lhes a preparação em moldes racionais.

Para êles, o treino da corrida é a corrida, e resultam improfícuos quantos esforços se empreguem para os trazer à prática regular duma gimnástica educativa, duma aprendizagem respiratória ou duma higiene desportiva.

O caso dos corredores de Maratona é, afinal, uma síntese do caso genérico do desporto português: faculdades aproveitáveis, prejudicadas pela ausência de método, pela ignorância e pelo desinterêsse do meio.

■

Começou pelo estrangeiro a actividade da temporada ciclista, que em Portugal ainda não dá sinais de despertar. Mais um sintoma da falência dos dirigentes.

O desporto da bicicleta desenvolveu-se consideràvelmente na última meia dúzia de anos, mercê duma propaganda intensa e da iniciativa organizadora de diversas entidades particulares; dêsse progresso aproveitaram os poderes dirigentes, que se enfeitaram com os louros do trabalho alheio e entenderam dever considerar-se senhor da situação para a qual nada haviam contribuído.

Os efeitos não se fizeram esperar, e o pobre ciclismo atravessa crise gravíssima, cuja solução é difícil prever: crise moral e crise de actividade, ambas conseqüência da nefasta intromissão do dinheiro nos assuntos do desporto.

Na ambição cega de conquistar triunfos e taças, todos os meios foram bons às colectividades para assegurar a colaboração dos melhores valores; lançados pela ladeira, viram-se rolando para o abismo e forçados, para evitar a queda, a arrepiar caminho.

Nunca é tarde para reconhecer os próprios êrros e corrigi-los; mas o que não tem propósito, é que se arvorem em paladinos da virtude e do puritanismo os principais responsáveis agora arrependidos, permitindo-se censuras e comentários à atitude daqueles que apenas são culpados de lhes haver seguido o exemplo.

Salazar Carreira.

Os concorrentes à Maratona Nacional demonstram, antes da partida, optima disposição

A classe infantil de gimnástica do Sport Lisboa e Benfica, apresentada pelo professor Antero Varejão no estival do aniversário do Club, foi uma eloqüente demonstração do cuidado que merece à popular agremiação a educação física infantil

VIDA ELEGANTE

A sr.ª D. Maria Antónia Cabral Gentil, por ocasião do seu casamento com o sr. António Guedes de Heródia, celebrado na capela da residência da tia do noivo sr.ª D. Otávia Guedes Cau da Costa — (Foto Marc Le Noir)

Festas de caridade

REVISTA POR AMADORES

Por todo o próximo mês de Maio, realizar-se-á em um dos nossos melhores teatros, uma récita de caridade, organisada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, cujo produto se destina a favor da Casa de Protecção e Amparo de Santa Apolónia, em que será representada por um brilhante grupo de amadores pertencentes à nossa melhor sociedade, em que figurarão além dos da velha guarda como D. Maria José da Costa Barros Belmarço, D. Maria Adelaide da Gama Sepulveda, Luís da Gama, D. António de Bragança (Lafões), Francisco Anjos Ferreira, D. José de Sequeira (S. Martinho), e outros novos elementos, subindo à cena a revista em dois actos «Pronto assim é que é» original do nosso presado colega na imprensa e brilhante autor sr. Acácio de Paiva, e de D. José de Sequeira (S. Martinho).

Brevemente daremos mais pormenores sôbre esta elegante festa de caridade, que decerto vai marcar, como a do ano passado pelo brilhantismo e elegância.

Casamentos

Celebrou-se com a maior intimidade na capela da interessante residência da tia materna do noivo sr.ª D. Otávia Guedes Cau da Costa, à rua das Flores, o casamento da sr.ª D. Maria Antónia Cabral Gentil, gentilíssima filha da sr.ª D. Alda Cabral Gentil e do ilustre cirurgião e professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. Dr. Francisco Gentil, com o sr. António Guedes de Heredia, filho da sr.ª D. Alice Guedes de Heredia e do sr. António de Heredia, servindo de madrinhas a mãi e a tia da noiva sr.ª D. Ana Perestrelo Soares Branco, e de padrinhos o pai do noivo e o sr. Júlio Schimit, presidindo ao acto o reverendo prior dos Mártires, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua das Praças um finíssimo lanche, seguindo os noivos de automóvel em digressão pelo país onde foram passar a lua de mel.

Em uma das salas da elegante residência dos pais da noiva, encontravam-se expostos os presentes oferecidos aos noivos, em que além de valiosíssimas jóias, se salientava uma artística baixela de prata da Ourivesaria da Guia, cujo trabalho mais uma vez veio pôr em evidência o grande desenvolvimento que em Portugal, tem tido essa arte, e o grande esfôrço do nosso operário; que sem receio que nos desmintam, se pode afirmar que honra o nosso país.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Maria Antonieta Portugal Rodrigues dos Santos, interessante filha da sr.ª D. Fé Elisa Portugal Rodrigues dos Santos e do sr. Luís Portugal Rodrigues dos Santos, com o sr. Rui Adelino Neto Valente, distinto segundo tenente da armada, filho da sr.ª D. Ana Neto Valente e do coronel de engenharia sr. Joaquim Maria Valente, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Maria Octávia Sasseti de Oliveira Vinagre e D. Cândida de Oliveira Mendes Neto, avó materna do noivo e padrinhos os srs. dr. José de Oliveira Vinagre, e Adelino Lemos, tio do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à Avenida 5 de Outubro, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo reverendo António Serrano, que no fim da missa fez uma brilhante alocução celebrou-se na paroquial do Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da sr.ª D. Laura da Câmara Meneses Alves, gentil filha da sr.ª D. Palmira da Câmara Meneses Alves e do major sr. José da Câmara Meneses Alves, com o distinto pintor e professor sr. Júlio Santos, filho da sr.ª D. Eduarda Marinho dos Santos, já falecida e do sr. Manuel Zeferino dos Santos, servindo de madrinhas a mãi da noiva e a irmã do noivo sr.ª D. Ermelinda Marinho dos Santos Benitez, e de padrinhos o pai da noiva e o arquiteto Paulo da Cunha.

Finda a cerimónia, durante a qual a sr.ª D. Vergínia Lopes da Silva, cantou vários trechos de música sacra, acompanhada por um terceto, constituido pelos brilhantes professores Paiva de Magalhães, D. Izaura Paiva de Magalhães e Júlio Cardona, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à Avenida da Liberdade, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Em Escalos de Cima, celebrou-se com a maior intimidade, em virtude de luto recente, o casamento da sr.ª D. Irene de Matos Santos, interessante filha da sr.ª D. Maria da Silva de Matos Santos e do sr. Joaquim dos Santos Lourenço, já falecido, com o sr. dr. Raul Moreira de Andrade, chefe da secretaria judicial em Niza, filho da sr.ª D. Izabel de Campos Moreira de Andrade e do capitão Manuel Grilo, da Cruz Andrade, servindo de madrinhas as sr.ªs D. Virgínia de Matos Santos Vaz Parda, irmã da noiva e D. Maria Luisa de Andrade, prima do noivo e padrinhos os srs. Antero Vaz Parda, cunhado da noiva e o oficial de cavalaria sr. Mário de Andrade, primo do noivo.

Terminada a ceremónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas para o Algarve, onde foram passar a lua de mel, seguindo de ali para Niza, onde fixam residência.

— Celebrou se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria das Neves Cravid Pimenta, gentil filha da sr.ª D. Amália Cravid Pimenta e do sr. Alvaro Pimenta, com o sr. Mário Padrel Correia, empregado do Banco Lisboa & Açores, filho da sr.ª D. Maria do Carmo Padrel Correia e do tenente sr. Francisco António Correia, e cunhado do tenente médico veterenário da Guarda Nacional Republicana sr. José Teófilo Pereira Prostes da Fonseca, tendo servido de madrinhas as mãis dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o tenente da Polícia de Segurança Pública sr. Eduardo de Almeida.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Na paroquial da Conceição Nova, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Sílvia Calapez Delfim, interessante filha da sr.ª D. Aurora Calapez e do sr. José Francisco Delfim, com o sr. Fernando Joaquim Machado Lapa Correia, filho da sr.ª D. Noémia Machado Mouta Lapa Correia, já falecida, e do sr. José Lapa de Oliveira Correia, servindo de madrinhas as sr.ªs D. Henriqueta de Oliveira Leite, D. Aurora Severino de Araujo e D. Etelvina de Oliveira Mota de Alarcão, e de padrinhos os srs. dr. António Augusto Leite Pereira de Melo, Francisco Nobrega Gomes e o capitão Alvaro Lapa de Oliveira Correia.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Com a maior intimidade, celebrou-se na paroquial do Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da sr.ª D. Eulália Moz Pereira, gentil filha da sr.ª D. Maria Cândida de Oliveira Moz Pereira, já falecida, e do sr. Jaime Augusto Pereira, com o tenente de engenharia sr. Vasco Esteves Ramires, filho da sr.ª D. Adelina Oliveira Esteves Ramires e do major sr. Luís Emílio Ramires, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas para o norte onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se com muita intimidade o casamento da sr.ª D. Aurora Nolasco, com o distinto Clínico sr. dr. José Pinto Monteiro, servindo de padrinhos os srs. dr. Morais Carneiro e José Nolasco, professor do Liceu de Setubal.

Acabada a cerimónia, os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, seguiram para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo prior da freguesia reverendo dr. Lino, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial de S José, o casamento da sr.ª D. Edwiges da Conceição Conde, interessante filha adoptiva da sr.ª D. Edwiges Brogueira Pereira de Lima e do sr. Zacarias Pereira de Lima, com o sr. António Marques Soares, filho da sr.ª D. Maria José Soares e do sr. Tomaz Marques Soares, já falecido, servindo de padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Maria Josette Pereira de Lima Marta e o sr. Augusto Luíz Marta e por parte do noivo seus tios a sr.ª D. Rosalina Marques Viera Pinto e o sr. Alfredo Vieira Pinto, membro do conselho de administração da «Renascença Gráfica».

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais adoptivos da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Nascimentos

A sr.ª D. Maria da Luz de Melo e Faro Maldonado Passanha, espôsa do sr. D. Diogo de Vilhena Maldonado Passanha, e filha dos srs. Condes de Monte Real, teve o seu bom sucesso. Mãi e filho encontram-se bem de saúde.

— Teve o seu bom sucesso na Maternidade Alfredo Costa, a sr.ª D. Maria Isabel Bezerra de Mendonça e Quintanilha Mantas, espôsa do distinto clínico sr. Dr. Carlos de Quintanilha Mantas, tendo assistido o distinto cirurgião sr. Dr. Cabral Sacadura. Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

D. Nuno.

A Margarete Elzer, grande escritora alemã, cuja obra atinge quási quarenta volumes, e que no seu último romance «Ursula ist überflüssig» (Ursula está a mais) deveras exalta as belezas de Portugal.

O CIGARRO DA SENTINELA

Ano da desgraça de 1918. Outôno brumoso. Tudo cinzento, triste, frio. A guerra, o monstro da morte, estava no fim da sua vida. A indigestão de tanta carne devorada sufocava-o! Ondas de pneumónica alastravam por quási todo o mundo...

De que se sustentavam tantos e tantos seres humanos?... Dificuldades de tôdas as espécies. Fome, peste, guerra! Os homens andavam cansados, magros, amarfanhados, de tanto batalhar, de tanto sofrer. A guerra durava havia quatro anos. Certamente acabaria, pois não há bem que sempre dure nem mal que não acabe, mas parecia não ter fim.

Saüdades... muitas, de seus entes queridos, da sua terra, de outros tempos bons!... Aquele ceu azul de Portugal, bem límpido... Aquele sol que, nas tardes de verão, mistura, esbate tons doirados sôbre todas as côres... Quando tornaria a ver a sua Lisboa?

Andara a batalhar pelas trincheiras, por debaixo da terra, à laia de toupeira, e ali estava prisioneiro, naquele campo de concentração, com vários camaradas, guardado dia e noite por sentinelas inimigas, à espera de que a guerra um dia acabasse! Um dia!...

As sentinelas alemãs, inimigas, embora de carne e ôsso, como os mais, à semelhança dêles, também já inspiravam dó! Porque, afinal, Jesus dirigiu-se a todos os homens, a todos os filhos de Deus.

Quando tornaria a abraçar a sua mãi, a sua noiva?... Que saüdades!... O seu Portugal!... A sua Lisboa!...

Ah! Se tivesse um cigarro, uma ponta de cigarro ao menos, que lhe desse nova alma, que lhe desse fôrças para matar saüdades!... Matar saüdades? Seria possível? Ao menos, matá-las!...

No seu giro, aproximava-se dêle a sentinela alemã, também pensativa a fumar um cigarro. Um cigarro quanto valia naquele momento! Não haveria talvez dinheiro que o pagasse! E o soldado inimigo quão feliz se sentiria por fumá-lo! Para êles também não era muito fácil arranjar tabaco.

O alemão compreendeu o português: — saüdades também — e, decidido, tirou o cigarro da bôca, partiu-o ao meio, deu-lhe lume, e foi metade para cada um.

Meio cigarro naquela ocasião e uma alma delicada quanto valiam para quem não tinha dinheiro, para quem nada tinha!

Detestou sempre a guerra. Detesta-a. Adora a paz, mas nunca se esquecerá pelo resto dos seus dias, daquela simpática alma. E conto-vos isto que ouvi da própria bôca de quem recebeu o meio cigarro.

Por tôda a parte há bom e mau, miseráveis almas e almas grandes.

Num caso diz-nos o Evangelho: — "quem não é comigo, é contra mim;" noutro diz-nos: — "quem não é contra nós, é por nós", e às vezes, também de facto, quem é contra nós, é por nós.

Eduardo Marrecas Ferreira

Ano após ano, a primavera floresce e rejuvenesce a natureza inteira. Sentinelas rôxas, as alaias dão o sinal, num florescimento, que mancha de luz os jardins e as ruas desta Lisboa tão bela.

As árvores revestem-se duma dedicada verdura, que trémula à mais leve aragem. Nos jardins, as flores desabrocham, as roseiras cobrem-se das mais lindas rosas, as lilazeiras enchem de perfume a atmosfera, doce perfume que se evola dos seus cachos brancos ou arrocheados.

Os lírios puros, nobre flor heráldica, tomam nos canteiros o seu ar aristocrático, que os colocam muito acima das outras flores, tímidas «forget me not» dum azul que lembra o ceu, e, modestos amores perfeitos que parecem recortados em veludo embelezam com suavidade e graça as «carbeilles» que nos relvados poisam, como cestinhos de flores, em mesa de luxo.

E tôda esta beleza que se renova todos os anos eleva a alma ao creador fazendo-a dar graças por tanta magnificência. Que importa o sofrimento, a dor, a morte, a natureza que morre todos os anos para renascer com mais vida? E que bela lição Deus nos dá, para suportar os males, se tudo se renova se tudo revive numa Ressurreição, que é a melhor lição.

A vida tem agruras tem dores que fazem e deixam cicatrizes, que sangram sempre, mas tem coisas belas, tem horas amargas, e, horas duma suave doçura, que iluminam com a sua graça, como ilumina o sol entre nuvens num dia de chuveiros.

Porque é que numa ingratidão negra havemos de lembrar só os maus bocados e havemos de esquecer as alegrias que nos inundaram a alma.?

Uma infância feliz entre carinhos e alegria, uma juventude florida, ensombrada por dores, evidentemente, o mundo não é o paraizo, mas cheio de conforto para alguns, desprovido para outros, mas sempre houve uma alegria que a ilumina.

E porquê esquecer essa luz dum ninho que fôsse?

As horas amargas, duras que a pobre Espanha atravessa, florirão mais tarde em maravilhosa flor. Tudo neste mundo tem uma razão de ser, razão dura talvez, mas que sabemos nós átomos da terra porque se dão as coisas?

Deus permite as e nós devemos compreender apenas, que para alguma coisa é.

Sofrer é o lote da humanidade, mas no duro inverno quando as arvorezinhas batidas pelo temporal, torcidas, partidas, sem ramos, e essas árvores que nós ouvimos gemer em gritos quási humanos, ao chegar a primavera cobrem-se de brancas ou rosadas flores, espreguiçam seus ramos num bem estar evidente, à luz clara do sol, que as acarecia e quási bemdizem as horas de sofrimento, que melhor as fazem sentir o bem estar actual.

E é na lição das coisas que nós devemos aprender a viver, a sentir a vida.

Como a árvore que o temporal açoita, a alma humana geme quando a dor a assalta, o coração estala fibra a fibra, mas o tempo passa e a acalmia faz-se sentir, e, dias melhores voltam, e a alegria entra e inunda tôda a alma e todo o coração, como as flores brancas ou rosadas cobriram a arvorezinha ao sentir os primeiros ardores do sol da primavera.

E até ao próximo inverno que será quando Deus quiser, nós vivemos na suavidade do verão, esperando os novos assaltos do inverno, que as despostas representam e que nos sacudirão como o temporal o faz, às pobres arvores desabrigadas, até que desarreigadas pelo tufão caem para não mais se levantar.

Mas agora em frente da primavera da luz forte e clara, do sol doirado e criador, da natureza em festa ergamos para Deus um hino de agradecimento e supliquemos, que com as flores e a verdura, volte a paz ao coração dos homens, se extingam os ódios, que queimam os corações e devoram as almas, e, que por tôda a parte se amparem uns aos outros, num verdadeiro espírito cristão, os que têm ajudando os pobres, dando-lhes trabalho e o amparo, não duma esmola atirada por egoismo, mas dada por compaixão, que auxilia, com a caridade que transborda dos corações, e, que é aquela que nos dá a verdadeira alegria de praticar o bem.

Que a natureza em festa, o azul do ceu as côres brilhantes das flores, o perfume que se espalha na atmosfera morna e branda, tornem melhor a alma humana.

Flores, perfumes, avezinhas que cantam, que não sejam apenas para os olhos uma alegria, que essa alegria penetre bem fundo nas almas, que ela acorde também nas almas a orquestra dos bons sentimentos e que ela entoe a suave sinfonia da paz, da caridade e do bem, sinfonia mais bela ainda, que o mais florido e perfumado jardim, porque de essência bem mais superior.

Maria de Eça.

A moda

Primaveril e graciosa a moda mantem-se ainda nos vestidos, que a meia estação permite, e, ajuizada ela está porque não ha que fiar nos dias lindos e luminosos da mais traiçoeira estação do ano. Aquela que menos confiança inspira, variável como a moda, caprichosa como a mulher.

Nota-se êste ano uma grande tendência para os vestidos mais curtos, é pois esta moda muito para se fazer atenção, porque nem a todas as senhoras favorece. A's senhoras fortes não aconselho o seu uso, porque nada lucram em mostrar as pernas. E' moda que só raparigas muito novas e delgadas podem usar e mesmo essas não devem exagerar, porque corta a «silhouette» e não dá elegância nenhuma.

Nem a sáia a bater no pé, nem o exagero de mostrar os joelhos. Tudo tem um meio termo e é êsse meio termo e a escolha do que verdadeiramente favorece e é distinto, que faz notar a verdadeira elegância duma senhora. Saber escolhêr e adequar a moda ao nosso físico; é a verdadeira arte e não forçar o corpo a usar modas que fazem notar os seus defeitos.

A mulher «chic» sabe defender-se e mostrar sempre que escolhe o que a torna bela, elegante e senhoril. Damos hoje alguns modelos muito simpáticos e destes que qualquer senhora pode usar.

Para viagem, para de manhã e para desporto, Myrna Loy a delicada beleza da Metro Goldwyn Mayer, apresenta um encantador tailleur em «dweed», abotoado o gracioso casaco com dois botões. A sáia simples tem na frente uma prega. O «jahat» em tule branco muito fino dá a esta «toilette» tão simples como elegante, a nota primaveril.

O chapeu em palha é um gracioso tricórnio, que continua sempre a aparecer porque a sua elegância torna sempre belas as mulheres, lembrando as graciosas venezianas, essas «haútas», que no século XVIII estonteavam os viajantes, que aportavam á cidade dos Doges.

Para a tarde um leve vestido de fazenda azul escura que tem duas maneiras de ser usado, invenção de Madge Evans da Metro Goldwyn Mayer, e, é o seu vestido favorito. Para a rua tem um peitilho fechado em veludo azul escuro, igual ao laço que forma o cinto. Em casa tirado o peitilho é um vestido decotado e ligeiro do mais gracioso aspecto.

E' interessante sempre ver êsse aspecto dum vestido que se usa de várias fórmas, porque enriquece o guarda vestidos, fazendo vista dumas poucas de «toilettes» tão admiráveis as rapozas que tem no braço.

Para «toilette» Virgínia Bruce a encantadora artista da Metro Goldwyn Mayer dá-nos um lindo vestido de túnica em setim «eiré». Este setim está cada vez mais em voga e fórma pela sua aparência rica o melhor tecido para os vestidos de «toilette». O engraçado chapelinho é também em setim «eiré» e é guarnecido por uma irisada borboleta em madre pérola e um leve véusinho.

FEMININAS

Uma linda raposa «argentée» é também o complemento deste elegantíssimo conjunto e vem demonstrar como são falsas as notícias de que já se não usam as peles.

Usam-se usar-se-hão sempre porque são um complemento á beleza feminina para a noite um lindíssimo vestido em fina e rica renda, que a beleza de Gail Ratrich a encantadora estrela da «Paramount Pictures» torna mais belo ainda.

Este vestido que molda o corpo tem como complemento, uma elegantíssima capa em renda, que lhe dá o mais vaporoso aspeto e como guarnição uma barra de pele na borda da sáia.

E' delicioso êste contraste da pesada e aveludada pele, com a delicadeza e transparência da renda maravilhosa. São estes pequenos nadas, que tornam preciosa uma «toilette» e que lhe dão êsse inimitável «chic» que marca a farsa do grande costureiro.

Receitas de cozinha

Puré: — 125 gramas de nata ou manteiga fresca, 125 gramas de amendôa sem casca, 8 colheres de açucar pilé, 4 colheres de sopa de farinha de batata, 6 ovos inteiros, baunilha.

1.ª parte. — Batem-se as seis gêmas com 4 colheres da açucar, juntam-se-lhe as 4 colheres de farinha e em se vendo o fundo ao tacho, juntam-se-lhe três claras batidas em castelo, unta-se um taboleiro com manteiga (o taboleiro de 40 centimetros) e pulverisa-se com açucar e deita-se-lhe a massa e vai ao fôrno a coser.

2.ª parte: — Bate-se a nata com o resto do açucar e umas gôtas de baunilha até estar bem unido a massa, tira-se do forno o bôlo em estando bem cosido, deixa-se arrefecer, desenforma-se e em seguida unta-se todo com a nata e sôbre o bôlo fazem-se umas guarnições com a nata batida e sôbre ela deitam-se as amendôas torradas e picadas.

Selma Lagerlof

Ha nomes que marcam na literatura e o de Selma Lagerlof é um deles. Os seus livros duma delicadeza única, fundaram uma escola nova, nos dá ricos anais literários da sua pátria, colocando-a na vanguarda das mulheres de letras. Selma Lagerlof poderia ufanar-se das grandes honras que conquistou tendo recebido o prémio nobel e o título de membro da Academia Sueca.

Nascida em Vermland, afastada província da sua pátria, teve uma agradável infância, durante a qual se impregnou bem da tradição e do «folelouse» de arraigadas tradições e costumes, talvez os mais característicos dos países scandinavos.

De carácter delicado e retraído, não participou muito dos folguedos e brincadeiras das suas condiscípulas e num precoce isolamento entregava-se a leituras, êsse amor nos livros, desenvolveu muito cêdo o seu interesse pela carreira literária.

Como não tinha fortuna e precisava ganhar a sua vida, fez os seus estudos na Escola Normal de Estocolmo e tornou-se professora rural. Depois de muitos trabalhos e desilusões na sua vida de professora, conseguiu entrar para a Escola Superior de Samdrou onde se graduou.

Foi nessa época que começou a sua vida activa de escritora e em 1890 obteve um prémio numa revista semanal. Tratava-se dum concurso para o melhor livro de ambiente regional e foi tal o exito de M.elle Lagerlof, que a sua obra classificada em primeiro lugar foi logo traduzida para 12 línguas estrangeiras.

Quando em 1894 publicou o seu segundo livro, «Os laços invisíveis», o rei Oscar II, o soberano de então, que era também um literato distinto, foi o primeiro a reconhecer o seu grande talento e tomou disposições para que a nova escritora pudesse dedicar-se ao seu trabalho de arte, ao abrigo de necessidades e inquietações.

Desde então Selma Lagerlof viajou muito, escrevendo grande quantidade de novelas ensaios e contos, que a tornaram universalmente conhecida.

Os seus livros duma poesia nórdica são um verdadeiro hino á sua pátria e são destes que se podem aconselhar a todas as senhoras e por em todas as mãos porque são dos livros mais interessantes e correctos que só uma verdadeira senhora poderia escrever.

Opinião duma exploradora

Não é vulgar que uma mulher bonita e interessante se dedique a explorar o interior de Africa vivendo a vida de Diana Caçadora.

No entanto foi o que fez Lady Diana Linel Eland uma das mais lindas mulheres da Sociedade de Londres.

Durante dois anos passeou a sua beleza pelo interior de Africa, passando o seu tempo na caça às féras, émula da deusa sua homónima, a elegantissima senhora veio carregada de troféus, que atestam as suas proezas venatórias, e, que demonstram bem os perigos a que se expoz a formosa «lady».

Mas o que é mais interessante é que a encantadora e arrojada viajante, ao ser entrevistada declarou, que se sentia o melhor possível no sertão, fazendo uma vida que lhe agradava por completo, e, que tinha até constatado ao assistir a alguns «batuques», que nêles se dansavam dansas, que há anos vêm fazendo as delícias das socidades civilisadas de tôda a Europa e do Mundo civilisado.

Dansas que ali se usam há séculos e que é talvês por isso que são mais graciosas do que as introduzidas na Europa, esta opinião não lisongeia as dansarinas de Londres.

De mulher para mulher

Marieta: — Efectivamente já tardavam as suas simpáticas notícias. E' agradavel receber uma tão bem humorada carta e se os conselhos fôram bons é motivo para ter alegria. Faça um vestido leve, começam a aparecer padrões lindissimos e quási todos nacionais, o que ainda por cima nos causa orgulho, mande pedir as amostras, para fóra mandam sempre.

Baby: — Que «baby» tão amuada! Por quem é tenha juizo e reconheça que as que a rodeiam é que têm razão e alêm disso não acredito nada que tenha prazer em fazer coisas que lhe ficam mal. Isso é uma triste vaidade de querer ser original.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 80

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

LAPSOS

Por lapso saiu errada a numeração dos artigos da anterior secção.

Nos trabalhos desenhados, o enigma é *pitoresco*, tendo, igualmente por lapso, saído com a designação de *figurado*.

As nossas desculpas a todos os prezados colaboradores.

APURAMENTOS

N.º 71

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

JOBEMA
N.º 8

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

OLEGNA
N.º 12

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 7, Dartagnan Jr.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 12 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Rei Mora, Calaveras.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 11. — X 505, 11. — Capitão Terror, 11. — Salustiano, 11. — Rei Luso, 11. — Só-Na-Fer, 11. — Só Lemos, 11. — Sonhador, 10. — João Tavares Pereira, 9. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 8. — Lamas & Silva, 8. — San-Fer, 7.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 6. — D. Dina, 6. — Lisbon Syl, 5. — Aldeão, 4.

DECIFRAÇÕES

1 — Fonte-tela-fontela. 2 — Casa-saco-casaco. 3 — Moda, roda, meda, moca, modo. 4 — Lufa-lufa. 5 — Mostrador. 6 — Seeda-sêda. 7 — Mansarda manda. 8 — *Danismo-damo.* 9 — Mocotó-moto. 10 — Dixe (D (XI) E). 11 — Chala-o-ão. 12 — *Na face e nos olhos se lê a letra do coração.*

DICIONÁRIO DE MÁXIMAS, ADÁGIOS E PROVÉRBIOS

Resultados do 1.º Concurso

Concorrentes: 1 — Alfa-Romeu. 2 — Frá-Diávolo. 3 — Cantante & C.ª. 4 — Gigantezinho. 5 — José da Cunha. 6 — Fan-Tan. 7 — Oldemiro Vaz. 8 — Pérola Negra. 9 — Capitão Terror. 10 — Salustiano. 11 — Rei Luso. 12 — Só-Na-Fer. 13 — Só Lemos. 14 — Sonhador. 15 — João Tavares Pereira. 16 — Lamas & Silva. 17 — San-Fer. 18 — Rei Mora. 19 — YZINHA. 20 — Ti-Beado. 21 — Dr. Sicascar. 22 — Jorge Ataíde Lôbo.

Contemplado. — O concorrente n.º 19, por sorteio, *Yzinha*, a quem já foi remetido o respectivo prémio. Parabens à feliz.

Decifração da charada: — NAMORADO.

2.º CONCURSO

No intuito de tornar quanto possível conhecido dos charadistas portuguêses e brasileiros o *Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios*, a fim de poderem avaliar da sua utilidade e alcance no charadismo, na parte em que êle tem de intervir, teve o seu autor, o Ex.mo Sr. Capitão Jaime Rebêlo Espanha, a gentileza de nos oferecer alguns exemplares da sua esplêndida obra para serem sorteados entre os colaboradores desta secção.

Êste interessante e útil concurso termina no presente número.

A PRÉMIO

PRÉMIO: Dois *Dicionários de Máximas, Adágios e Provérbios*, a sortear entre os decifradores.

NOVÍSSIMA

Uma graça disse à dama,
Mas fiquei *desnorteado* ... — 2
Ia um fulano ao lado
Que quatro dias de cama

Me forneceu com um sôco,
"*Um*" directo colossal ... — 1
A graça não tinha sal!
Ordinário! Por tão pouco

Assim brinda um cidadão!
Se fôsse uma grossaria
Que eu dissesse, o que seria
Do meu pobre canastrão?! ...

Lisboa

* * *

NOTA: *A decifração deve estar em nosso poder no prazo de 120 dias e deve ser enviada em separado — e não incluída na lista geral de decifrações.*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

1) A minha *benevolência* faz *dó* a qualquer *avarento*. 2-1.

Luanda — *Dr. Sicascar*

TRABALHOS DESENHADOS

10) ENIGMA FIGURADO

2) *Ceifo* na *estrada* a *salada* de agriões. 2-2.

Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

3) Na defesa duma infeliz o *advogado* focou que a nódoa cai no melhor *tecido*. 3-2.

Lisboa — *Marvedo Azeio*

4) O animal *que dá caça aos ratos* é *excêntrico*. 3-2.

Luanda — *Ti-Beado*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

5) Se entre um bosque a lei se esconde,
O juiz, sendo inclemente,
Sofre torturas sem conto,
Sente *febre intermitente.*

Lisboa — *Lord X*

LOGOGRIFO

6) Candidatos a casados,
Que por um lar aspirais
Em vos sentindo "enforcados"
Soltareis depois os ais ...

Ter "*mulher*", coisa ideal, — 2, 3, 6, 1
Dizeis em sonhos — delírio ...
Ser casado, é afinal,
Insuportável martírio ...

Pobres! julgais ser o lar
— Pensamento de loucura! —
Um barquinho a *navegar* — 1, 4, 5, 6
Num mar de sonho e ventura ...

Porém, quando o sonho finda
No casamento — é vulgar
Ver esta coisa tão linda:
Entra a mulher a *prègar* ... — 3, 4, 5, 6

Julgareis *pouco vulgar* — 4, 1, 6, 5
Casos dêstes em amor ...
Salva-se em cada milhar
Talvez um — e por favor ...

Amar muito alguém na vida,
Candidatos inocentes,
É cantiga já sabida ...
Antes uma dor de dentes ...

Lisboa — *Alsimar*

NOVÍSSIMAS

(a Ordisi)

7) Sonho de amor é êxtase ... é ternura
Que dulcifica a alma e a faz viver!
Sonho de amor! Senti-lo é tal ventura
Que nos fere a lembrança de o perder.

Sonho de amor! Quando êle *em* nós perdura — 1
Sentimos bem o nosso peito arder!
Olhamos a mulher com mais loucura
E a vida tem p'ra nós maior prazer ...

Sonho de amor! Jardim de rosas lindas ...
De gratas ilusões ... doces ... infindas,
Onde se esconde a nossa fantasia! ...

A mocidade ardente te quer' e ama
E com voz *perceptível* te proclama — 2
O facho luminoso que a *alumia* ...

Lisboa — *Marvedo Azeio*

SINCOPADAS

8) A *maledicência* faz
Mais estragos do que a guerra!
Ela sòzinha é capaz
De contaminar a Terra.

Em quarquer *parte* onde exista
Êsse mal-epidemia
Não há ninguém que resista
À ceifeira da razia ... — 3-2

Lisboa — *Fandelírio*

9) Num baile de Carnaval
Repreensão com furor
Eu apanhei, afinal,
Só por ser *mau dançador.* — 3-2

Lisboa — *Pimpas*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

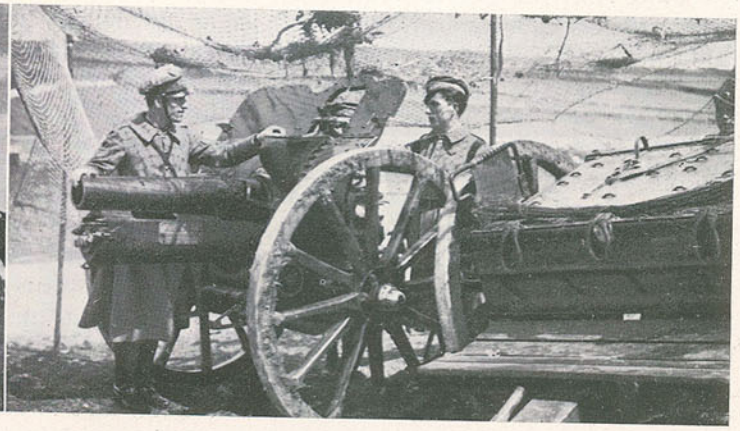
FIGURAS E FACTOS

Armando Boaventura, jornalista dos mais distintos, publicou um novo livro que causou grande sensação. Intitula-se «Madrid-Moscovo» e foca magnìficamente o fermento da Guerra Civil em Espanha

Em «As duas Espanhas no mar» — novo livro de Mauricio de Oliveira aparece a terrivel guerra civil que está devastando o país visinho. Enquanto se publicam livros sôbre livros acêrca do conflito através das cidades e das aldeias, Mauricio de Oliveira, festejado autor da «Armada gloriosa», foca-o sôbre as águas do Oceano Auguramos-lhe um exito idêntico ao alcançado pelos seus livros anteriores, que tão carinhoso acolhimento obtiveram

«Cinzas da nossa alma» é o título de um livro de José dos Santos Cabral que bem pode ser considerado um conjunto de pequenos poemas em prosa. Santos Cabral, a nosso vêr, é um sonhador de raro talento, um poeta no seu mais alto significado que deve sofrer nestes tempos que vão correndo. Não levará muito tempo que êste jovem que falar de si, pois não lhe faltam qualidades para triunfar neste mundo de invejas e paixões mesquinhas

Silva Tavares, o poeta querido, que até a gente humilde aplaude, publicou um novo livro que se resume num punhado de versos piedosos e suaves sôbre o santo sacrifício da missa. Intitula-se «Pelo sinal da Santa Cruz» e tem tôdas as licenças do Patriarcado. A nosso vêr, êste novo livro não está à altura do renome do seu autor, cujos versos harmoniosos são decorados e cantados até por aqueles que não sabem lêr. Mas Silva Tavares, até mesmo na aridez de qualquer assunto que escôlha é um poeta, um verdadeiro poeta cheio de encanto e de inspiração



Em Barcarena realizaram-se exercícios de um grupo de baterias de obuses do regimento de artilharia n.º 3 para instrução dos oficiais não arregimentados. A gravura acima mostra o brigadeiro D. Luís da Cunha Menezes explicando o tema dos exercícios de cavalaria. — *A' direita:* Um dos obuses no campo de avanço

A «Semana Z» inaugurada para propaganda da defesa das populações contra a guerra química, no caso de ataques aéreos, obteve, como seria de calcular, o maior êxito. A gravura mostra um aspecto da exposição no Grémio Alentejano. — *A' direita:* A entrega do Grémio Lusitano ao Estado, vendo-se o sr. Raimundo Alves, que representava o chefe do Distrito, no acto da posse

HISTÓRIA PUNGENTE

O HOMEM QUE ROUBOU

Coisas em que raramente nos dignamos fazer reparo

Foi há tempos, já, que se passou êste facto o qual, por méro acaso, veio ter ao meu conhecimento. Não vou, pois, relatar uma história fantástica, nem ainda um conto fabuloso de encantados ou decantados amores, mas a narrativa fiel e sem pretensões a fóros de sensacional, dum caso verídico, vulgar, dum caso de todos os dias, tragédia negra e dolorosa que trinta vezes por mês, se revive em cada bairro, em cada esquina...

Era um dia lindo, dêstes explêndidos dias de Outono, quando o ano, já decrépito tem ainda assômos da ardência febril de Agosto, como velho boémio a renovar as saüdosas estroinices de rapaz...

O sol doirava as fôlhas amarelecidas, e a passarada gralhadora, vendo longe ainda a hora do anoitecer, não cuidava de acolher-se aos braços das árvores protectoras.

Por acaso, (sempre o eterno acaso) cheguei à janela, e, antes de baixar os olhos ao pó da humanidade, levantei-os ao alto, como o sonhador, a sorrir à côr vibrante desta infinda abóbada azul que nos cobre, procurando furtar o rosto às carícias ardentes dos raios solares que, cônscios talvez do seu poder divino, me beijavam sem cessar.

Mas para que ergui eu os meus olhos? Para logo ter de abandonar o remanso tranqüilo do céu aberto à minha imaginação, e volvê-los à terra, a contemplar patética visão! Um infeliz, seguia empurrado por dois polícias, e ouvindo os apupos duma chusma de rapazes insolentes e perversos que mais pareciam vespas zumbidoras e insuportáveis.

Era êsse desgraçado um homem ainda novo, e o seu aspecto, embora miserável, não demonstrava o de um dêstes vulgares desordeiros que freqüentam as cadeias, dêsses fétidos esgotos por onde se escôa o pús duma humanidade eternamente corroída pelos vermes dos vícios e dos ódios. O seu todo revelava fome, amargura, quanto de doloroso a vida reserva aos desherdados da sorte. Lágrimas enormes rolavam-lhe pelo rosto magro, despertando risos e comentários irónicos em que não fulgia a mais pequena parcela de piedade.

Ora, o homem que chora, que pode chorar, é porque tem alma... Junqueiro, improvisando um pensamento num album de caridade, escreveu: "Antes me estoirem os olhos do que me sequem as lágrimas...».

Aquele homem tinha roubado. E porquê...

Eis o que vou revelar, embora mudando de nomes... O resto ficará com a sua amarga realidade... E mesmo, se a curiosidade vos assaltar, reparai atentamente na cabana que se ergue ao lado e vossa moderna moradia, ou na cave que fica debaixo do vosso primeiro andar! Quem sabe se não vereis lá representado êste sombrio drama...

.....

João Mascarenhas era um modesto guarda-livros de certa casa e se era modesto também o seu ordenado, permitia-lhe, no entanto, viver numa pensão decente, e até para uma estroinice de quando em quando. Era rapaz!

Pontual, honesto, zelador dos interêsses do patrão, êste não lhe recusava êste pequeno elogio: —

— Bom empregado!

Quiz o destino que Mascarenhas se enamorasse duma graciosa rapariga que, da janela do seu quarto, divisava todos os dias no segundo andar fronteiro.

Soube que era orfã, e que, com o produto do seu trabalho como professora particular, angariava o sustento para si e para uma velha tia que fazia as vezes de mãe.

Reparando, um dia, no seu admirador, agradou-se ela também do jóvem e... começou o idílio.

O canteiro que lhes havia sido reservado no jardim da vida, aparecia-lhes coberto de rosas. Pobres incautos!... viam as rosas, mas não se apercebiam dos fatídicos espinhos que elas ocultam!

Mascarenhas deixara de fazer estroinices, e, afim de poder manter um modesto mas carinhoso lar, o patrão acedeu em aumentar-lhe o ordenado um pouco mais.

Casaram por um tristonho dia de Fevereiro, e, no entanto, as faces de ambos resplandeciam de embriagadora primavera.

Haviam feito o seu ninho de amor num rés-do-chão das avenidas, e para aí foram habitar com a velha tia.

Conheceram a maior ventura, êle trabalhando incansàvelmente, ela, alindando o "home» e cuidando do minúsculo enxoval para uma quarta personagem que deveria chegar aí pelos meados de Janeiro do ano seguinte...

Certa manhã, o casal foi aumentado, não com um, mas com dois rosados gémeos, os quais, não obstante as grandes preocupações que viriam trazer, encheram de ventura os seus pais.

As graças dos garotos encheu-lhes a vida de distrações e ventura por mais de dois anos.

Luisa, tinha os seus dias cheios, acalentando os filhos, cuidando do lar.

João, encontrava a recompensa máxima para o seu trabalho, quando, ao regressar a casa, via a mulher esperá-lo de braços abertos, e as boquitas gulosas dos pequeninos, prontas a beijocarem-lhe a cara.

Mas chegou o primeiro bafejo da desdita...

A velha tia foi transportada, a correr, para o hospital, e lá morreu com um tifo, ao cabo de três dias.

Era a primeira sombra negra a anuviar-lhes a tranqüilidade bonançosa da existência.

Mal sabiam os pobres, que isso era apenas o alvorecer duma desventura que não pararia jámais!

Tempos depois, Mascarenhas vira o ordenado reduzido a metade.

Os negócios começavam a correr mal, a casa vacilava nos seus créditos mal seguros.

Mascarenhas desanimava ante esta sombria perspectiva, mas Luisa, corajosa nas vicissitudes como só o são as mães, e as mulheres que amam, começou ajudando o marido, sem que êle o soubesse.

Teve a sorte de na pouca sorte, encontrar quatro alunos aos quais podia lecionar na sua própria casa. Tão bem ocultou o seu esfôrço, que Mascarenhas só sentiu diferença na vida por ter de trocar o rés-do-chão confortável, por uma pequena cave.

De resto, o dinheiro chegava, parecendo crescer entre as mãos miraculosas de Luisa.

Foi então que ela começou a queixar-se do peito. Tossia muito, e às vezes, de noite, era forçada a sentar-se no leito, prêsa de sufocações que a matavam lentamente.

Mascarenhas levou-a ao médico.

Quis o azar que lhe fôsse deparado um daqueles sem nome nem consciência, e para quem são raros os clientes, e que, uma vez surgido um, a êle se agarram como sanguessuga, numa avidez insaciável de lhe sugar o máximo dinheiro.

E êles, os inditosos, viam fugir-lhes para as mãos do facultativo, todo o pouco que se destinava ao alimento dos filhos.

Para acudir às despesas, Mascarenhas empenhava as jóias, compradas, sabe Deus com quanto alvoroço, os *bibelots* coleccionados com tanto desvelo, e finalmente a mobília! Quando os últimos móveis saíram e os crédores começavam a importuná-lo, mudou-se novamente com a mulher e os filhos, para uma pensão pobríssima.

Estava dominado pelo maior desânimo, e, se alguma coisa ainda o incitava à luta, era sem dúvida o amor aos filhos.

A mulher definhava-se, dia a dia. Foi precisamente quando o pobre homem compreendeu o mal que a minava, — a tuberculose, — que o vacilante estabelecimento, cedeu à crise, fechando.

Mascarenhas ficou sem emprêgo.

O patrão prometeu-lhe para breve uma colocação, mas os dias iam decorrendo, e eram baldadas tôdas as esperanças. Nem sequer lhe restava já o recurso de recorrer aos penhores!

O clínico recusára-se a tratar Luisa sem ver satisfeitos os seus honorários...

Então, envidou todos os esforços para colocar a mulher num hospital, mas a falta de vagas não lho consentiu.

Uma manhã, exactamente quando Luisa estava pior, a hospedeira, fatigada por tanto esperar um pagamento que não chegava nunca, despediu-os.

Ela precisava viver!

Mascarenhas julgava endoidecer, tão violento era o fogo que lhe escaldava o cérebro e tão grande era a dor que apertava o seu pobre coração.

E jurou à mejera que nesse mesmo dia havia de pagar.

Como? Deus o sabia!

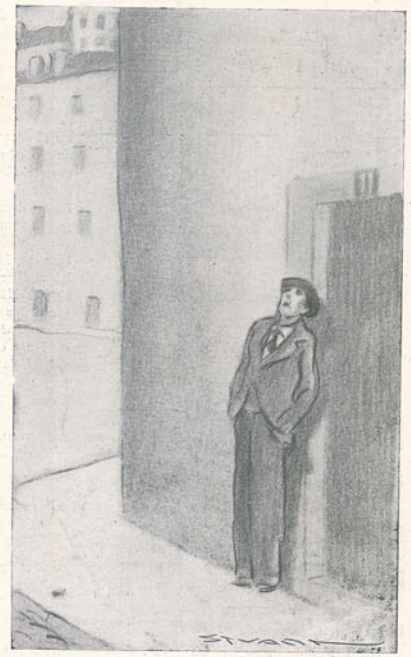
Saíu.

Na rua, perdeu a consciência de si próprio. O desespêro toldava-lhe a vista, obrigando-o a caminhar vacilante como um ébrio...

Parou, completamente inconsciente, à porta duma tabacaria, olhando um sujeito que comprava três caixas de charutos, pagando-as com uma nota grande, das muitas que a carteira aberta, à espera de trôco, mostrava à cubiça dos rapinantes.

Então, mais ràpidamente do que é possível contar-se, Mascarenhas precipitou-se sôbre o indivíduo, e empolgando-lhe a carteira, fugiu em desordenada correria.

Depois... tudo foi confuso como um caos, um mundo destruído...



Pareceu-lhe que corriam atrás dêle, e vozes gritavam:

— É aquele! É aquele!

— Agarra que é ladrão!

— Aquele é o homem que roubou!

Duas mãos o prenderam, e, empurrado brutalmente, êle lá foi, a chorar sob o pêso imenso da sua desdita ignominiosa.

.....

Leitor!

Perdoa a insipidez do conto, mas êle é a realidade, apenas a nua e fria "realidade».

Tenho mesmo a certeza de que ao leres estas despretenciosas linhas, terás evocado tipos do teu conhecimento, tipos de todos os dias!

Pois bem! Queres saber o doloroso epílogo desta história?

Ei-lo.

Luisa morreu três dias após a prisão do marido.

Os filhos, inocentes crianças nascidas para a desventura, foram agasalhados pela hospedeira, que com uma caridade feita de interêsse, transformou um, em vendedor de jornais, e o outro, em engraxador.

Quanto ao João Mascarenhas, volvidos três meses foi transferido da prisão para um hospital de alienados, onde é conhecido pelo "homem que roubou».

Odette Passos de Saint-Maurice.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — V. 4.
Copas — R. 8, 2.
Ouros — — —.
Paus — 10, 7.

Espadas — 10, 8.	**N**	Espadas — 7.
Copas — 10.	**O** **E**	Copas — 9, 6, 4.
Ouros — 8, 3.		Ouros — 7, 4.
Paus — V. 9.	**S**	Paus — 2.

Espadas — 9, 3.
Copas — V.
Ouros — 9, 5.
Paus — R. 8.

Sem trunfo. *S* joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S — R. *o*, **O** — A *o*, **N** — R. *e*, **E** — 2 *o*.
N — 3 *e*, **E** — 5 *e*, **S** — 9 *e*, **O** — 7 *e*.
S joga D. e V. de espadas, baldando-se **N** a V. e D. de copas.
S — D. *o*, **N** — R. *c*.
S joga as três cartas de copas, **E** não pode defender as duas cartas de paus e as duas de ouros, firmando, portanto, as três vasas de **S** e **N**.
Se **O** não cobrir o R. de ouros de **S**, êste continua jogando ouros até **O** entrar de A. de ouros, seguindo o jôgo como o anterior.

Comparando os números

(Solução)

Os grupos que mais semelhança têm com o modêlo A, são:
B. por se compor dos mesmos algarismos, embora dispostos de maneira diferente;
C, E e G, por serem capicúas como êle;
G, além disso, por ter os dois algarismos 5, na mesma disposição em que A os tem também.

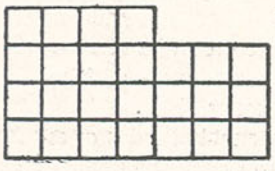
Fran Maria Schmidt, de Viena de Austria, requereu acção de divórcio contra seu marido, dizendo que durante 15 anos foi feliz no casamento mas no fim dêste tempo, o marido dedicou-se a coleccionar selos e essa ocupação absorve-o tão completamente que não presta a menor atenção a sua mulher.

Um avicultor de Montpellier (França) colheu um ovo que pesava 148 gramas e que tinha dentro um segundo ovo normalmente constituído.

Há muitas pessoas que protestam contra o costume, demasiado usado pelos poetas, de se compararem as mulheres com as flores. F. Houelle, não era intensamente desta opinão, e apesar de ter vivido, muito antes desta época de igualdade de direito entre os sexos, na qual as mulheres perdem muitos dos seus atractivos, já escrevia sôbre êste tema, o seguinte: «As mulheres podem comparar-se com as flores, porque o género destas é tão variado; como o caracter daquelas; o perfume dumas corresponde ao amor de outras, e assim como há flores sem perfume, também há mulheres sem amor algum. Há algumas raínhas dos jardins que além de não espalharem qualquer cheiro agradavel, ainda destilam veneno; também existem formosas filhas dos homens que não só desconhecem o amor senão que estão cheias de más paixões, umas mais negras que as outras. Finalmente, há flores benfeitoras, como as há malfeitoras, exactamente como as mulheres».

Os quadradinhos

(Problema)



Dividindo estes pequenos quadrados em três grupos e ajustando-os uns aos outros, formar-se-á um quadrado perfeito.

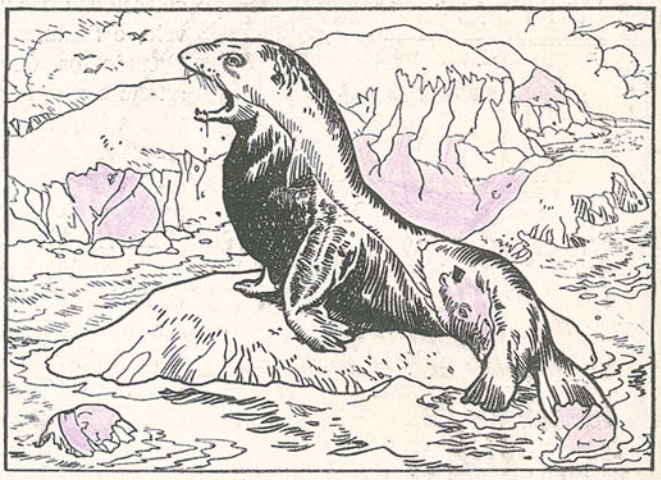
O sorriso como remédio

Um médico americano afirmou, já há muitos anos, e provou com atestados, que para os variadissimos males que apoquentam a humanidade, não havia melhor remédio do que... o sorriso: o sorriso constante e completo.

Disse ele, o médico, que era preciso sorrir pelo menos durante quatro horas por dia, mas que se devia sorrir não só com os lábios, com as faces, com os olhos, mas também *por dentro*, com o coração, com a alma, com o espírito. Sorrir, sorrir... por dentro e por fóra, eis o que aconselha o médico americano para fazer desaparecer tôdas as doenças.

Segundo o jornal que dava esta notícia, o médico em questão possuia uma casa de saúde onde se encontravam então, cêrca de cem doentes que passavam o dia sorrindo uns para os outros... por dentro e por fora, segundo a regra.

Não sabemos se êsses doentes se terão curado das doenças de que sofriam, mas eramos capazes de apostar que uma de novo, terão eles adquirido por certo... a idiotia.



Se repararem bem, verão que nesta gravura não está só uma foca sôbre o rochedo. Está mais outra foca, um tubarão, um urso polar, três tripulantes, dum barco e um cão esquimó. Virando a gravura em todos os sentidos aparece tudo isto.

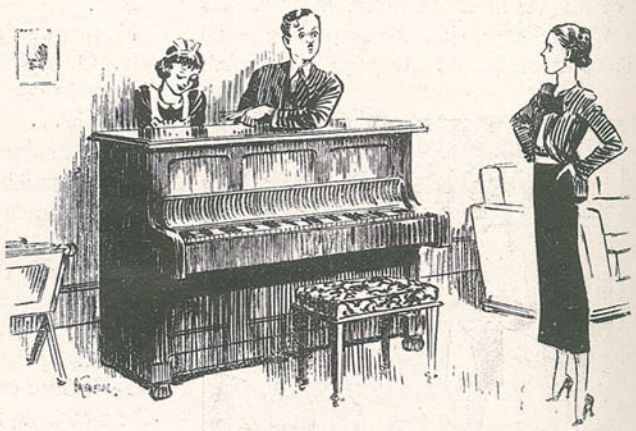
Numa quinta de Walsgrave-on-Stow, em Inglaterra instalaram no estábulo, onde contam oitenta vacas, um gramofone elétrico que funciona durante as horas em que as estão ordenhando.

Constatou-se, efectivamente, que os animais se mostravam mais dóceis, preferindo todavia as valsas de Strauss a música de ordem superior. De jazz-band não gostam nada absolutamente, diz, segundo referem os jornais inglêses o dono daquela propriedade agrícola.

O tratamento do ciúme

O ciúme, êsse monstro de olhos verdes como lhe chamou Shakespeare, vem já há tempo sendo tratado, em Viena de Austria, como se fôsse uma doença qualquer. Abriu ali uma nova clinica, dirigida pelo dr. Wilhelm Stekel, o célebre psico-analista e especialista de doenças nervosas, que tem feito sucesso tratando esta obsessão nevrótica como qualquer outra doença, uma gripe ou coisa semelhante. Há duas categorias de *vitimas* declarou o dr. Stekel, aquelas que reconhecem o seu defeito e aquelas que recusam a reconhecê-lo. O segundo grupo é na maioria das vezes, responsavel pelos crimes passionais que esta doença instiga a cometer.

Consta que o tratamento têm dado bastantes resultados bons.



—O' Adelaide, acho que devias repreender aqui a Gertrudes. Tenho estado justamente a fazer-lhe ver que ela nunca limpa o pó por trás do piano.

(Do «The Humorist»).

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Dr. Benguê, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12

ACABA DE APARECER

Orações e Conferências

de CARLOS MALHEIRO DIAS

1 vol. de 176 págs., broch. . . . . **8$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **9$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00

Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

A VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL

CASUIDICA E DOUTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23 × 15, broc. **Esc. 25$00** = Pelo correio à cobrança **Esc. 27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

à venda o 3.° milhar

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalía — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o «Greco» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata . . . . . **12$00**

Pelo correio à cobrança . . . . . **14$00**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — **Alexandre Herculano,** um volume. — **Antero de Figueiredo,** um volume. — **Augusto Gil,** um volume. — **Camões lírico,** cinco volumes. — **Eça de Queirós,** dois volumes. — **Fernão Lopes,** três volumes. — **Frei Luís de Sousa,** um volume. — **Guerra Junqueiro,** verso e prosa, um volume. — **João de Barros,** um volume. — **Lucena,** dois volumes. — **Manuel Bernardes,** dois volumes. — **Paladinos da linguagem,** três volumes. — **Trancoso,** um volume.

Cada volume brochado. . . . . . **12$oo**

Cada volume encadernado. . . . . **17$oo**

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado	10$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs, brochado	10$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado	12$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado	14$00
ESPANHA — Nova edição	no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado	12$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado	12$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch.	3$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado	12$00
SENHORA DO AMPARO — 250 págs., brochado	12$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — *Indice:* Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones„ A Alcáçova da Saüdade — As "Sabatinas„ na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco„ — En "San Juan de los Reys„ — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado	10$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado	12$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.	
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.	
MIRADOURO, Tipos e Casos — 320 págs., brochado	12$00
FÁTIMA, Graças, Segredos, Mistérios — 378 págs., brochado	12$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

NEVES DE ANTANHO

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Sóror Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . 12$50
Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa **encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.**

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 3.ª EDIÇÃO

AVENTURA MARAVILHOSA DE D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL, DEPOIS DA BATALHA COM O MIRAMOLIM

ROMANCE
POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 páginas, com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett—LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA

O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis organizada por um grupo de professores e homens de letras

A VENDA

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reune tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, **Esc. 30$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 33$00**

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do numero premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA